

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ CENTRO DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E
ECOLOGIA SOCIAL - EICOS

**"VivacIDADE": NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE PESSOAS
IDOSAS PARTICIPANTES DE UM COLETIVO EM
CEILÂNDIA/DF**

RIO DE JANEIRO

2024

Gabriela Alves Mendes

**"VivacIDADE": NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE PESSOAS
IDOSAS PARTICIPANTES DE UM COLETIVO EM
CEILÂNDIA/DF**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social - EICOS, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Linha de pesquisa: Psicossociologia crítica, comunidades e redes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Reinoso Araujo de Carvalho.

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

M538" Mendes, Gabriela Alves
"Vivacidade": NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE PESSOAS
IDOSAS PARTICIPANTES DE UM COLETIVO EM CEILÂNDIA/DF
/ Gabriela Alves Mendes. -- Rio de Janeiro, 2024.
84 f.

Orientadora: Claudia Reinoso Araujo de Carvalho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2024.

1. Envelhecimento. 2. Coletivo. 3. Projetos de
Vida. 4. Produção de Vida. 5. Território-rede. I.
Carvalho, Claudia Reinoso Araujo de , orient. II.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

GABRIELA ALVES MENDES

**"Vivacidade": NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE PESSOAS IDOSAS
PARTICIPANTES DE UM GRUPO EM CEILÂNDIA/DF**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social - EICOS, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Reinoso Araujo de Carvalho.

Aprovada em 23/09/2024.

Prof.^a Dr.^a Claudia Reinoso Araujo de Carvalho

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Orientadora (Presidente da Banca)

Prof. Dr.^a Maria Paula Cerqueira Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Membro Interno Titular)

Prof. Dr.^a Grasielle Silveira Tavares

Universidade de Brasília (Membro Externo Titular)

Prof.^a Dr.^a Lilian Dias Bernardo

Instituto Federal do Rio de Janeiro (Membro Externo Titular)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Silva Dorneles

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Membro Interno Suplente)

Prof.^a Dr.^a Marcia Regina Assis

Instituto Federal do Rio de Janeiro (Membro Externo Suplente)

Dedico esta dissertação a Udário Alves Pereira, que ao longo dos meus 26 anos de memórias e narrativas cuidou, amou e me ensinou com tanta dedicação, sempre incentivando e apoiando todos os meus planos. Mesmo que, atualmente, estejamos a 1.167 km de distância, sua felicidade por cada uma das minhas conquistas é evidente. Esta, em especial, é para você, vô Dário.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Claudia Reinoso Araujo de Carvalho, sou imensamente grata pela paciência ao longo desta caminhada e pelos ensinamentos.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), agradeço por todo o conhecimento adquirido.

À minha mãe, Marta Guedes Alves, que desde cedo me incentivou a ser quem eu quisesse ser e a lutar por isso, foi a primeira incentivadora dos meus estudos. Jamais esquecerei a sua vibração em 2021 quando fui aprovada no mestrado, com a mesma intensidade de quando fui aprovada no curso de Terapia Ocupacional na Universidade de Brasília em 2016. Obrigada por torcer pelas minhas batalhas e vibrar pelas minhas vitórias, e por estar lá para me acolher nos momentos difíceis. Mesmo sabendo que eu estaria a mais de mil quilômetros de distância, ajudou-me a construir minhas asas, ensinou-me a voar e permitiu que eu o fizesse. Mãe, você é referência de cuidado, amor, fortaleza e trabalho duro. O meu amor por você é imensurável, e não há palavras suficientes para expressar toda a minha gratidão.

Ao meu pai, Sérgio Ricardo Peixoto Mendes, que se esforça para entender toda essa transformação e mudança dos últimos anos, expresso minha gratidão por todo o cuidado, incentivo, disposição e amor.

Aos meus avós Dário e Chiquinha, que até hoje pouco entendem o que faz um terapeuta ocupacional (e menos ainda o papel do mestrado na minha trajetória acadêmica), mas que se enchem de orgulho e contam a todos o quanto sou motivo de alegria e saudade para eles. Vó, obrigada por ter sempre me mantido quentinha em suas colchas de retalho e pelo cuidado e amor. Embora tenha dedicado esta dissertação ao vô Dário, não posso deixar de expressar que ele foi, e continua sendo, um dos motivadores pelos quais me encontrei na assistência e na pesquisa em envelhecimento. Você é, e sempre será, minha referência de cuidado e de envelhecimento saudável.

Aos meus familiares: Priscilla, minha irmã, a quem me irrita, mas amo; Maria Fernanda e Lorenzo, meus amados sobrinhos; minha madrinha Zezinha e tio Paulo, por sempre zelar e me amar desde cedo; minha prima Hellen e primo Danilo, por todo o amor e carinho. A todos vocês, mesmo sem saberem, foram uma força essencial para que eu caminhasse para me tornar mestre.

À minha querida amiga Tata, que conheci enquanto ela escrevia seu trabalho de conclusão de curso em Terapia Ocupacional, apresentou-me à profissão em 2014 enquanto eu ainda era

uma adolescente sonhando em ajudar o próximo. Quando passei no vestibular, ela vibrou imensamente. Tata, você foi minha primeira referência na Terapia Ocupacional, sou grata por todo o apoio de sempre.

À Universidade de Brasília, por ter me formado como terapeuta ocupacional, proporcionando uma formação diferenciada através do ensino, pesquisa e extensão que vivenciei intensamente. Devido à pandemia, não escrevi os meus agradecimentos no trabalho de conclusão de curso, mas "brinquei" que o faria no mestrado, e cá estou.

Às professoras Grasielle Silveira Tavares, Keila Cristianne Trindade da Cruz e Andrea Mathes Faustino, por terem me ensinado tanto sobre envelhecimento, cuidado e as subjetividades do envelhecer.

À Grasielle, obrigada por ter visto potencial em mim e por me ter guiado durante o VivacIDADE e o trabalho de conclusão de curso. Você é uma referência de pessoa amável e acessível, aprendi muito com você.

Ao João Victor Ferreira Martins, por ter estado ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha trajetória na Universidade de Brasília, oferecendo suporte, escuta e afeto. Fica aqui meu imenso agradecimento por ter sido amoroso, cuidadoso e companheiro.

Aos amigos que fiz ao longo da vida, na graduação, na assistência, no PPG-EICOS e na docência, que permitiram e incentivaram que este momento fosse possível. O afeto e carinho por vocês são imensos. Obrigada por serem redes tecidas na minha trajetória de vida e profissional e por persistirem para que essa defesa fosse possível.

Ao Instituto Federal do Rio de Janeiro, aos docentes e aos alunos da Instituição, por terem sido meu primeiro contato com a docência e por ter experimentado, apreciado e afirmado a atuação como professora durante dois anos na Formação Inicial e Continuada, no Curso Técnico, e nos cursos de graduação em Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Farmácia. Foi uma experiência de muito aprendizado que levarei comigo por toda a vida. Sou grata pelos encontros e redes que o Instituto me proporcionou.

Às professoras doutoras que estiveram presentes na banca de qualificação: Claudia Reinoso Araujo de Carvalho, Samira Lima da Costa, Grasielle Silveira Tavares e Lilian Dias Bernardo, que fizeram contribuições significativas para a construção desta dissertação.

Às pessoas idosas participantes desta pesquisa, que me receberam e acolheram em suas casas em Ceilândia/DF, um território que por muito tempo também foi minha morada. Sou grata por toda a troca e pela disposição em participar ativamente desta pesquisa, e a todas as pessoas idosas que encontrei nesse caminho.

*“Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver
Deixe-me ir”.*

(Compositor Candieia, interpretado por Cartola, 1976)

RESUMO

MENDES, Gabriela Alves. "VivacIDADE": Narrativas e memórias de pessoas idosas participantes de um coletivo em Ceilândia/DF. **Rio de Janeiro, 2024. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.**

A dissertação explora as experiências de pessoas idosas em Ceilândia, DF, que participaram do projeto VivacIDADE. O estudo destaca como o coletivo influenciou a vida dos participantes, promovendo o fortalecimento de vínculos sociais e o desenvolvimento de projetos de vida na velhice. O objetivo principal é analisar as narrativas e memórias dos participantes do VivacIDADE, visando compreender como a participação em um coletivo pode impactar positivamente o envelhecimento. Além disso, busca-se examinar as interações entre memória social, territórios, redes, projetos de vida e a produção de vida. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na Psicossociologia de Comunidades. Foram realizadas entrevistas narrativas com os participantes do VivacIDADE, analisando suas experiências e memórias. O estudo também considerou as adaptações necessárias durante a pandemia de covid-19, quando os encontros foram realizados remotamente. Os resultados indicam que a participação no VivacIDADE fortaleceu os vínculos sociais das pessoas idosas e possibilitou a ressignificação de suas experiências de vida. O grupo contribuiu para a autonomia e o engajamento social dos participantes, mesmo durante a pandemia. As interações entre memória social, territórios e redes foram fundamentais para a construção de novos projetos de vida. As considerações finais evidenciam a importância de coletivos como o VivacIDADE na promoção de uma velhice ativa e socialmente engajada. A participação no grupo permitiu aos participantes revisitarem suas memórias e construir novos sentidos para suas vidas. A adaptação do coletivo durante a pandemia foi crucial para manter o apoio social e emocional dos participantes. A pesquisa conclui que a Psicossociologia de Comunidades pode ser uma ferramenta poderosa na promoção do bem-estar e da autonomia no envelhecimento. A continuidade de projetos como o VivacIDADE é essencial para transformar a percepção sobre o envelhecimento, destacando a relevância da interação social e do engajamento comunitário.

Palavras-chaves: Envelhecimento. Coletivo. Projetos de Vida. Produção de Vida. Território-rede.

ABSTRACT

MENDES, Gabriela Alves. **"EAGerness": Narrativas e memórias de pessoas idosas participantes de um coletivo em Ceilândia/DF.** Rio de Janeiro, 2024. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024

The dissertation explores the experiences of elderly individuals in Ceilândia, DF, who participated in the VivacIDADE project. The study highlights how the collective impacted the participants' lives, promoting the strengthening of social bonds and the development of life projects in old age. The main objective is to analyze the narratives and memories of the VivacIDADE participants, aiming to understand how participation in a collective can positively impact aging. Furthermore, the research seeks to examine the interactions between social memory, territories, networks, life projects, and the production of life. The study adopts a qualitative approach, based on the Psychosociology of Communities. Narrative interviews were conducted with the participants of VivacIDADE, analyzing their experiences and memories. The study also took into account the necessary adaptations during the COVID-19 pandemic, when meetings were held remotely. The results indicate that participation in VivacIDADE strengthened the social bonds of elderly individuals and enabled them to reinterpret their life experiences. The group contributed to the participants' autonomy and social engagement, even during the pandemic. The interactions between social memory, territories, and networks were fundamental in the construction of new life projects. The final considerations highlight the importance of collectives such as VivacIDADE in promoting an active and socially engaged old age. Participation in the group allowed participants to revisit their memories and construct new meanings for their lives. The adaptation of the collective during the pandemic was crucial in maintaining social and emotional support for the participants. The research concludes that the Psychosociology of Communities can be a powerful tool in promoting well-being and autonomy in aging. The continuity of projects like VivacIDADE is essential to transform perceptions of aging, emphasizing the relevance of social interaction and community engagement.

Keywords: Aging. Collective. Life Projects. Life Production. Territory-Network.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
1. INTRODUÇÃO	11
1.2 O VivacIDADE.....	14
Quadro 1 - Atividades do Primeiro Módulo do VivacIDADE	16
Quadro 2 - Atividades do Segundo Módulo do VivacIDADE	17
Quadro 3 - Atividades do Primeiro Módulo do VivacIDADE na Pandemia de covid-19.....	18
2. OBJETIVOS	20
2.1 OBJETIVO GERAL	20
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
3. REFERENCIAL TEÓRICO	21
3.1 A Psicossociologia e sua relação com grupos.....	21
3.2 Os projetos de vida no envelhecimento	24
3.3 A produção de vida	26
3.4 Relação entre projetos de vida e produção de vida.....	27
3.5 Memórias e narrativas.....	29
4. METODOLOGIA	32
4.1 Coleta de Dados	33
4.2 Considerações Éticas	34
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
5.1 Experiência no VivacIDADE e Atividades Grupais.....	35
5.1.2 Tipos de atividades realizadas ofertadas pelo serviço ao olhar dos participantes	52
5.2 Expectativas quanto ao VivacIDADE	54
5.2.1 O VivacIDADE para os participantes.....	55
5.2.2 Participação no VivacIDADE em Ceilândia.....	56
5.2.3 O VivacIDADE para os participantes.....	59
5.3 O ser chamado de velho, pelo outro.....	60
5.4 Direito da Pessoa Idosa.....	61
5.5 Mudança na rotina pós fazer atividades externas	63
5.6 A pandemia e o uso da tecnologia	64
5.7 Momentos afetivos envolvendo interações sociais a partir dos encontros com o coletivo VivacIDADE.....	65
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	76
ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO CFCH UFRJ.....	76
ANEXO II -REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	79

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado explorou os campos das memórias, narrativas, sentidos, projetos e produções de vida no processo de envelhecimento e contou com a participação de três pessoas idosas, a partir disso foi realizado um conglomerado de narrativas. Tendo como base a experiência, experimentação, apreciação e afirmação como coletivo, denominado “VivacIDADE”. A proposta da dissertação emergiu da análise e compreensão do “estar e conduzir com” um coletivo. Os encontros com o coletivo ocorreram nos anos de 2019 e 2020 em Ceilândia, Distrito Federal, por meio do Projeto de Extensão Universitária TOCAR - “Terapia Ocupacional, Cuidado, Corpo, Criatividade, Cotidiano, Afeto, Arte e Ressignificação”.

No encontro com a Psicossociologia de comunidades, que de acordo com Camargo *et al.* (2021), busca conectar o individual-psicológico-singular-subjetivo ao coletivo-social-popular-político, foi construída essa dissertação, devido ao encontro com a ponte entre a Psicossociologia de/com comunidades com as vivências e narrativas e memórias de pessoas idosas que participaram de um coletivo na Região Administrativa de Ceilândia/DF.

Assim, a Psicossociologia de comunidades aborda as confluências entre diferentes dimensões que constituem a realidade psicossocial comunitária, afirmando-se como um campo emancipatório, anti-opressivo, descolonizador e contra-colonizador. Esse campo de estudo adquiriu uma nova perspectiva, com a práxis enraizada na visão das maiorias populares oprimidas, encarando as comunidades como entidades históricas e envolvendo-as nos processos de transformação. Dessa maneira, a Psicossociologia com comunidades passou a adotar uma abordagem colaborativa (Camargo *et al.* 2021).

A dissertação visou realizar uma análise sensível das compreensões sobre o envelhecimento, incluindo o âmbito colaborativo, social, territorial e psicossocial. Foi necessário entender o envelhecimento em sua totalidade e subjetividade, considerando não apenas seus aspectos biológicos e transformações psicológicas e psicossociais, mas também seu contexto histórico e inserção em um sistema de relações sociais.

As variáveis históricas e socioculturais específicas de cada sociedade foram fundamentais para explicar o envelhecimento biológico, que é comum a todos os seres humanos em todas as culturas. Em outras palavras, a experiência de envelhecer não foi, e não é a mesma em todos os lugares; ela foi vivida de acordo com o contexto social (Sabaté, 2016).

Enfatiza-se que o envelhecimento não deve ser visto como uma sequência de problemas, mas como uma etapa de amadurecimento sólido (Matos; Matos; Manhães, 2020), que envolve a relações com o outro, com o território e suas singularidades. Portanto, é crucial promover atividades significativas e ocupações em espaços que pertencem aos indivíduos. Com o envelhecimento, diversos processos psicossociais facilitaram a participação social, as trocas e os projetos cotidianos, criando espaços para estar e possuir, logo afirmar. Galheigo (2020) trouxe uma perspectiva do cotidiano, que se baseia nas ações e pensamentos estabelecidos, nas histórias de vida, retóricas históricas e experiências, tanto no real quanto no imaginário, afetos e gestos, sonhos e ações. Segundo Lima (2004), o cotidiano envolve a percepção de um lugar no mundo, onde se localiza e situa, e mais do que apenas ver, implicou um olhar participativo, que integrou corporeidade e sentidos.

A análise dos sentidos envolve os espaços inseridos, pois há um contexto no território vivido e nas redes tecidas, que contribuíram para formar interesses e desejos despertados por dinâmicas de lugares, resultando na formação de um território-rede. Para categorizar territórios e redes, foi utilizada uma abordagem polissêmica, que ultrapassou um único campo de conhecimento. O território compreendeu diversos lugares, contíguos e históricos, onde ocorreram as relações sociais (Costa e Mendes, 2014).

O território pode ser uma noção mais abrangente do que lugar e rede, mas muitas vezes pode se confundir com esses conceitos. A rede pode tanto expressar ou organizar o território (particularmente na fase globalizante atual) quanto ser um elemento constituinte do território. O lugar, por sua vez, sendo um espaço caracterizado pela proximidade e pela “copresença” de ações, representa uma das formas de manifestação do território. Embora fluxos e redes não sejam o foco principal no lugar, eles não podem ser considerados opostos a ele. A constituição, construção e realização de um coletivo envolvem diversos dispositivos, como sentidos, projetos, territórios e redes (Costa e Mendes, 2014).

As redes foram entendidas a partir da tese de Meneses (2007), onde as redes sociais são metáforas de redes de pesca, tecidas por nós. Esses nós representam pessoas e instituições que formam vínculos com variados graus de qualidade e força. Os fios que compõem esses nós são constituídos de relações, vínculos e formas diversas de comunicação. Assim, um nó pode ser formado por uma pessoa, um grupo, uma comunidade e, finalmente, um sistema auto-organizado. O estudo de sistemas auto-organizados revelou redes internas semelhantes em diferentes sistemas, tornando os conceitos operacionais relevantes para qualquer sistema,

de indivíduos a comunidades e sociedades. Os nós em uma rede representam pessoas e grupos, refletindo relacionamentos ou fluxos entre eles.

Costa e Mendes (2014) destacaram a indissociabilidade entre espaço e tempo e a conjugação de “território e rede” em “território-rede”, abrangendo a compreensão dos movimentos de construção de territórios onde o espaço contínuo de fixação e o descontínuo das redes e mobilidade formam o território “no e pelo movimento”. A criação e a continuidade das redes levaram a uma reflexão sobre o sentido de comunidade, definido por McMillan e Chavis (1986) como o sentimento de pertencimento dos membros, a importância recíproca que eles atribuem uns aos outros e à equipe, e a crença compartilhada de que suas necessidades são atendidas por meio do esforço conjunto e do compromisso de estarem juntos.

Costa e Maciel (2009) sugeriram atualizar o termo para "sentidos de comunidade" na pluralidade. Para constituir esses sentidos, foi necessário abordar a memória. Bosi (2004) trabalhou com a memória contada; Benjamin (2012) considerou que a memória caminhou junto à experiência; uns aos outros, à equipe e à crença compartilhada. Halbwachs (2013) desenvolveu o conceito de memória coletiva; Gondar (2005) que entende o campo da memória social como transdisciplinar, caracterizado por uma polissemia, que de um lado entende que a memória comporta significados; Gondar e Dodebei (2005) questionam o conceito de memória social, e Costa e Maciel (2009) abordam que a memória social vai além da resignificação de histórias vividas a partir da experiência presente; ela é inerentemente coletiva. Todos esses autores e seus conceitos foram integrados ao referencial teórico deste trabalho.

Gondar e Dodebei (2005) abordaram o conceito de memória social, afastando-se de definições específicas para adotar a hipótese de que a memória é um campo de luta e inserção nas relações de poder, configurando um embate entre lembrança e esquecimento. O campo de estudos sobre memória social é interdisciplinar ou transdisciplinar, com conceitos que se entrecruzam e interagem. Aqui serão utilizados estes conceitos.

A compreensão da memória social e suas abordagens é diversa, considerando-a um território móvel com múltiplas definições. Segundo Gondar (2005), a memória social é um conceito mais bem desenvolvido na parte do referencial teórico. O conceito de coletivo, relacionado à memória social, apareceu nos estudos psicológicos e sociológicos para designar

uma dimensão da realidade oposta à dimensão individual. Em diálogo com a superação da dicotomia entre indivíduo e sociedade, o coletivo muitas vezes se confundiu e se espalhou por conceitos sociais como estado, igreja e família (Halbwachs, 2013).

O interesse no tema desta dissertação surgiu a partir das experimentações, apreciações e afirmações no coletivo com pessoas idosas, identificando a necessidade de realizar uma análise que possibilitasse diálogos entre territórios físicos, existenciais e sensíveis. Isso surgiu da percepção de uma lacuna entre assistência, academia e na literatura, a partir das temáticas aqui tratadas. Partiu-se do pressuposto de que o envolvimento em grupos pode oferecer às pessoas idosas novos interesses e maior engajamento na vida comunitária, e que ao associar-se a um coletivo há ainda mais potência nessas relações interpessoais, refletindo afinidade com o envelhecimento e as experiências pessoais, e até a intergeracionalidade.

Observa-se uma carência de estudos psicossociológicos que integrem aspectos da psicologia e da sociologia ao analisar o envelhecimento. Esses estudos buscam compreender como os processos psicológicos (como pensamentos, emoções e comportamentos) estão inseridos e influenciados pelas estruturas sociais e culturais. A abordagem psicossociológica foca na inter-relação entre o indivíduo e a sociedade, levando em consideração o impacto das normas, valores e instituições sociais. No entanto, em comparação com as pesquisas sobre a infância, juventude e vida adulta, o envelhecimento tem recebido menos atenção, o que motivou a busca por uma análise mais aprofundada dos territórios e das memórias sociais e coletivas relacionadas a essa fase da vida.

1.2 O VivacIDADE

O VivacIDADE surgiu no ano de 2019, durante a graduação da autora em Terapia Ocupacional na Universidade de Brasília (UnB), por meio de um projeto de Extensão Universitária, que se propunha à realização um grupo com pessoas idosas, com enfoque nos projetos de vida, visando o contato com os sentidos e significados para a existência durante ao processo de envelhecer e de como perceber a necessidade de uma maior participação social, um encontro com a comunidade, possibilitar experimentações, apreciações e afirmações. Esse nome surgiu relacionado à ideia de que há potencialidade da vida e do envelhecimento, então o inicial de viva, e CIDADE com o ênfase na idade pelo curso natural do envelhecimento, e por considerar o significado da palavra vivacidade, que é aquilo que é referido ao que tem vida, vigor, força, entre outras potencialidades, podendo destacar o fator etário, e embora haja

esse enfoque também teve um sentido à cidade (Mendes; Cruz; Tavares, 2020).

No momento da construção, seleção e permanência das pessoas idosas que se identificaram com o grupo é possível vislumbrar a possibilidade de construir um coletivo, no qual terá base forte, vínculos, desavenças, queixas, afetos, aprendizado e trocas.

A construção do projeto aconteceu no cotidiano, em um espaço institucional vinculado à UnB, onde foi possível ir ao encontro com diversos contextos, famílias, culturas e os valores do território pessoal daqueles que vivem naquele território de Ceilândia/DF. Com o passar das atividades, houve a constituição e construção de interesses e aspirações para a elaboração do futuro, marcado pelo lugar determinado pela dinâmica e pela formação da rede entre si. O projeto, inicialmente, previa a realização de alguns encontros entre abril e julho de 2019, e durante este período a intenção era trabalhar com as pessoas idosas e o desenvolvimento de projetos de vida durante o envelhecimento, para despertar novos interesses e que houvesse um engajamento com a vida cotidiana.

O grupo possuía um enfoque terapêutico, para trabalhar o cotidiano e as atividades com significado, fortalecer e construir redes de apoio e realizar abordagens para trabalhar os projetos de vida, contando com a professora coordenadora, profissionais e estudantes do Campus Ceilândia da UnB. Os encontros ocorreram com o apoio e espaço do Serviço Social do Comércio (Sesc), no Centro de Atividades de Ceilândia, região administrativa de Brasília, onde a maioria dos participantes residia.

A seleção dos participantes do projeto ocorreu pelas demandas de dificuldade para envolvimento nas atividades cotidianas no momento inicial do grupo. Com a condução dos grupos, observou-se ainda uma demanda relacionada à saúde mental, com casos de depressão e baixo engajamento social. A proposta não era construir um programa de atividades a ser aplicado, mas sim construir atividades com foco nas demandas levantadas a cada encontro realizado, buscando respeitar as subjetividades e utilizá-las para emanar os potenciais de cada pessoa idosa dentro de um coletivo.

O conceito de coletivo, no contexto da memória social, refere-se a uma dimensão que transcende a experiência individual, e se entrelaça com conceitos sociais mais amplos, como instituições e grupos organizados, ao abordar a realidade comum vivida por um grupo. Este conceito busca superar a separação tradicional entre o indivíduo e a sociedade, destacando como as experiências compartilhadas e os contextos coletivos moldam a memória e a

identidade social (Halbwachs, 2013).

No Quadro 1, podem ser observadas as atividades citadas neste primeiro momento da atividade grupal e coletiva, onde alguns projetos foram iniciados e projetados durante os primeiros encontros, percebendo-se a necessidade das pessoas idosas de constituírem atividades externas ao ambiente de casa, para usufruir de seus territórios-redes e não percebido por muitos, construir memórias, redes e experimentações ao manter contato com a comunidade, e seus sentidos de comunidades.

Enríquez (2001) aponta que, enquanto muitos estudos se concentram nos mecanismos e processos de grupos já formados, poucos investigam a formação inicial desses grupos. Entender como os grupos se formam é essencial para esclarecer como os princípios fundamentais são estabelecidos e se tornam importantes ao longo do tempo. A questão central é: o que contribui para o vínculo entre os membros e possibilita que eles se unam e atuem como uma comunidade? Enríquez afirma que, para que um grupo se forme é necessário ter um objetivo comum. Um grupo se constitui em torno de um projeto, tarefa ou ação, o que requer um conjunto de valores compartilhados e internalizados pelos participantes.

Esta dissertação busca através de memórias e narrativas também investigar e trazer à tona a formação inicial do grupo.

Quadro 1 - Atividades do Primeiro Módulo do VivacIDADE

Data	Nome da atividade
25/04/2019	Apresentação, linha da vida, atividade sobre sonhos e desejos
02/05/2019	Tenda do conto: apresentação de objetos do cotidiano
09/05/2019	Expressões de vitalidade
16/05/2019	Sentimentos, dança do conhecimento e caixa do espelho
23/05/2019	Sentimentos relacionados com lugares de Ceilândia
30/05/2019	Fotos do cotidiano
06/06/2019	Roda do cotidiano e mandala do cotidiano
13/06/2019	Sonhos
27/06/2019	Visita coletiva ao Catetinho
04/07/2019	Fechamento do 1º Ciclo

Fonte: Caderno de campo da autora

Ao finalizar o primeiro ciclo do grupo, percebemos enquanto coletividade (docente, profissionais, alunas e pessoas idosas) que ainda haviam demandas a serem trabalhadas e levantadas, possuindo uma hipótese de que naquele momento já havia passado a transição de oficinas, para grupo, e por fim um coletivo, no qual implica continuidade e vinculação, possibilitada pelos encontros nas atividades que fizeram algum sentido e ficaram como lembranças, memórias e narrativas para as pessoas idosas participantes. Sendo assim, foi realizada uma segunda parte do grupo, ainda no ano de 2019, de agosto a dezembro.

Ressalta-se que no primeiro momento havia apenas a parceria Sesc em específico com a assistência social da Instituição e UnB e estudantes, profissionais e professora orientadora da Terapia Ocupacional, para essa segunda edição houve uma atualização e foram envolvidos alunos dos demais cursos do Campus Ceilândia da Universidade de Brasília, ampliando além da terapia ocupacional, e contando com alunas dos cursos de farmácia e enfermagem, não obstante mantendo o apoio do serviço social. Neste momento a coordenação dos encontros tentam ser intercalados, entre atividades discentes e entre as pessoas idosas (quadro 2).

Quadro 2 - Atividades do Segundo Módulo do VivacIDADE

Data	Nome da atividade
05/09/2019	Reencontro
12/09/2019	Encontro com as discentes extensionistas
19/09/2019	Atividade Corporal com o coletivo
26/09/2019	VivacIDADE na UnB (semana universitária) com o coletivo
03/10/2019	Encontro com as discentes extensionistas
18/10/2019	Aplicação do Diagrama de Escolta com o coletivo
17/10/2019	Atividade da árvore da vida com o coletivo
24/10/2019	Encontro com as discentes extensionistas
31/10/2019	Atividade com dados
07/11/2019	Atividade sobre vivenciar o luto com o coletivo
14/11/2019	Atividade com o coletivo “O que compartilham e pensar um local para irem em coletivo”
21/11/2019	Encontro na casa de uma das pessoas idosas
28/11/2019	Jogo dos projetos de vida com o coletivo
12/12/2019	Finalização do 2º ciclo

Fonte: Caderno de campo da autora

Havia a pretensão de iniciar um novo grupo em 2020, com a participação ativa das pessoas idosas que já se encontravam engajadas com o grupo, que iriam conduzir as atividades com supervisão e troca com os demais envolvidos. Contudo, em março de 2020, foi anunciada a pandemia de covid-19, que atravessou a todos com isolamento social, medos,

apreensões e perdas, entre outros desafios.

Houve, então, a impossibilidade de constituir um novo grupo presencial, e observamos demandas dos mesmos participantes que estiveram em 2019, para o momento pandêmico. Em resposta, acionamos as pessoas idosas envolvidas para realizarmos encontros remotos, convidando aqueles que tivessem condições de participar. Devido à falta de inclusão digital de pessoas idosas, menos integrantes puderam participar, e nessa terceira etapa havia outros participantes que não necessariamente participaram dos outros dois módulos, a considerar o momento sensível e a possibilitar um espaço sensível de acolhimento e trocas interpessoais em cenário pandêmico. Realizamos encontros remotos semanais, no período de junho a setembro, onde não focamos mais nos projetos de vida, mas sim nas produções de vida na pandemia. As atividades (ver quadro 3) envolviam três grandes enfoques: "cuide-se", "informa" e "fazeres", promovendo o engajamento na busca e criação de atividades entre os próprios participantes. Isso resultou na criação de produções audiovisuais reproduzidas durante os encontros remotos.

Quadro 3 - Atividades do Primeiro Módulo do VivacIDADE na Pandemia de covid-19

Data	Nome da atividade
11/06/2020	1º encontro remoto com estudantes e docente
12/06/2020	Reunião para discutir a elaboração do vídeo semanal
18/06/2020	Apresentação da proposta do vídeo ao grupo
25/06/2020	Retrospectiva semanal e conversa sobre os conteúdos dos vídeos
02/07/2020	Identificar as crenças dos envolvidos no grupo
09/07/2020	Boas-vindas aos novos participantes
16/07/2020	Proposta ao grupo: experimentação do novo
23/07/2020	Autocuidado e cuidar do outro
30/07/2020	Situações que afetam e rede de apoio
24/09/2020	Finalização do grupo - como a pandemia até ali havia afetado cada um

Fonte: Caderno de campo da autora

Durante o momento remoto de encontros desse coletivo, havia a necessidade de uma através do acesso às diversas tecnologias, entretanto esse período apresentou vários problemas, como dificuldade de acesso, queda na rede, dificuldade de acessar a plataforma, dificuldade no ligar o áudio e vídeo, porém por meio do recurso do WhatsApp®, era onde ocorriam as maiores trocas, tal como o envio dos vídeos que incorporaram um fazer junto ou aprender junto.

Embora o grupo tenha sido encerrado em setembro de 2020, reconhecendo o fechamento de um ciclo para os encontros, o contato com os participantes permanece ativo. Isso possibilita o resgate de memórias afetivas, sociais e coletivas, além de proporcionar uma escuta sensível das lembranças e experiências vividas, analisando se foram atravessados por esses momentos e quais os impactos de um coletivo no envelhecer.

Atualmente, a pesquisadora desta dissertação é profissional colaboradora do projeto de extensão VivacIDADE, que segue ativo, inclusive com premiação recente em 2024 como projeto para a comunidade. Embora o grupo aqui descrito tenha se encerrado, o vínculo com as pessoas idosas envolvidas continua, o que permite a continuidade do contato e o resgate das memórias, além de uma escuta atenta às experiências atravessadas e aos impactos, tanto individuais quanto coletivos, no envelhecimento, no qual permitiu acessar três participantes que estiveram no projeto durante o período de um ano e meio citados até aqui.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Explorar, por meio das narrativas e memórias, os sentidos provocados pela participação no VivacIDADE, sob a luz das análises da Psicossociologia sobre o envelhecimento.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o VivacIDADE como um coletivo de pessoas idosas;
- Sistematizar atividades e vivências a partir das experiências dos participantes acompanhados durante as práticas no coletivo;
- Revisitar e analisar as experiências dos participantes do coletivo;
- Identificar a percepção dos participantes sobre os temas de viver e envelhecer abordados nas práticas conduzidas pelo coletivo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Psicossociologia e sua relação com grupos

A Psicossociologia, dedica-se ao estudo das interações entre indivíduos e os contextos sociais em que estão inseridos. Seu campo de investigação é claramente delimitado, abrangendo grupos, organizações e comunidades como conjuntos concretos que mediam e moldam a vida pessoal dos indivíduos. Estes contextos sociais são simultaneamente criados, geridos e transformados pelos próprios indivíduos (Roedel, 2001).

A Psicossociologia concentra-se na análise das condutas dos indivíduos, bem como das dinâmicas e práticas dos grupos, organizações e comunidades no contexto da vida cotidiana. O foco desta disciplina reside em compreender como as práticas sociais e os comportamentos são influenciados por, e contribuem para, a formação e transformação desses contextos sociais. Em suma, a Psicossociologia busca explorar as inter-relações entre os processos psicológicos e as estruturas sociais, proporcionando uma visão aprofundada das práticas e dinâmicas que configuram a realidade social (Roedel, 2001).

Enríquez (2001) destaca que, embora numerosos estudos tenham se concentrado nos mecanismos e processos de grupos já constituídos, poucos analisam os grupos em seu estado nascente. Compreender a formação dos grupos é crucial para elucidar como princípios fundamentais são estabelecidos e permanecem decisivos ao longo da trajetória do grupo. A questão central é: o que favorece o vínculo grupal e permite que indivíduos se unam e funcionem como uma comunidade? Enríquez argumenta que, para que um grupo se constitua, é imprescindível um projeto comum.

Um grupo se forma em torno de um projeto, tarefa ou ação a ser realizada, o que implica a necessidade de um sistema de valores compartilhados e interiorizados pelos membros. Este conjunto de valores, de acordo com Enriquez deve se fundamentar em representações coletivas e num imaginário social compartilhado. O imaginário social é crucial, pois possibilita que os membros tenham uma visão comum de suas aspirações e objetivos, além de experimentar afetivamente a necessidade de transformar seus sonhos em realidade (Enriquez, 2001).

Além disso, Enríquez (2001) enfatiza que a idealização, a ilusão e a crença são elementos fundamentais na formação de um grupo. A idealização confere ao projeto comum

uma aura excepcional, enquanto a ilusão atua como um dispositivo simbólico que canaliza desejos e evita conflitos internos. A crença, por sua vez, assegura a certeza e elimina dúvidas, permitindo que o grupo concentre sua energia no sucesso do projeto. Enríquez ressalta que, embora a idealização, a ilusão e a crença não sejam uniformemente aplicáveis a todos os contextos, elas são indispensáveis para a formação inicial e a coesão de um grupo.

A discussão de Enríquez aborda a dinâmica dos grupos minoritários e majoritários. Os grupos minoritários, como os psicanalistas e psicossociólogos pioneiros, frequentemente se definem por uma causa nova e inovadora, contrastando com a maioria, que tende a manter e gerenciar o status quo. Enríquez observa que para que um grupo minoritário triunfe, é necessário que seus membros acreditem profundamente na causa e estejam dispostos a se sacrificar por ela. Este sentimento de missão e sacrifício, muitas vezes carregado de conotações religiosas, é essencial para o fortalecimento e a perenidade do grupo (Enriquez, 2001).

Finalmente, Enríquez discute o conflito estrutural entre o desejo e a identificação dentro dos grupos. Os membros de um grupo buscam expressar seus desejos individuais e, simultaneamente, ser reconhecidos como parte integrante do grupo. Este conflito entre o reconhecimento do desejo pessoal e o desejo de reconhecimento social pode levar a uma uniformização ou a uma diferenciação dos membros, dependendo da direção que o grupo adota para resolver este problema (Enriquez, 2001).

A análise de Enríquez (2001) oferece uma compreensão profunda dos mecanismos que sustentam a formação e a continuidade dos grupos, destacando a importância de um projeto comum, a influência da idealização, ilusão e crença, e o papel crucial dos grupos minoritários e da dinâmica entre desejo e reconhecimento.

Enríquez (2001) faz algumas ponderações. A primeira é a necessidade de um projeto comum, entendendo que um grupo se constitui ao redor de uma ação a ser realizada. Enríquez aponta que, o projeto comum implica um sistema de valores, este internalizado pelos participantes.

Não se limita a desejar algo em conjunto; é preciso sentir e experimentar isso em conjunto. Compartilhando o mesmo desejo de converter um sonho ou uma fantasia em uma realidade diária e possuir os recursos adequados para atingir essa meta (Enríquez, 2001).

Enríquez (2001) aborda a ideia de grupo minoritário. Exemplificando o contexto dessa pesquisa que as pessoas idosas, que frequentemente são marginalizadas em suas atividades cotidianas e sociais, muitas vezes são limitadas pelas circunstâncias impostas.

Nos anos 1950, 1960 e 1970, a Psicossociologia destacou-se por seu vínculo estreito entre pesquisa e ação, caracterizando-se pela integração entre intervenções práticas e investigação teórica. Atualmente, essa disciplina continua a se renovar e a adquirir uma nova dimensão, evidenciando sua originalidade principalmente através do desenvolvimento teórico. Roedel (2001) observa que, a partir das análises sociais realizadas por meio de intervenções psicossociológicas, surge uma teoria em constante evolução sobre o social, as organizações e o funcionamento social. Essa teoria, embora nunca completamente acabada, permite uma compreensão mais profunda do vínculo que une os indivíduos e da dinâmica social, incluindo suas mudanças e rupturas, bem como do processo de criação institucional.

A teorização em Psicossociologia é, assim, um reflexo das práticas e eventos cotidianos, demonstrando como teoria e prática se entrelaçam. A reflexão sobre os eventos da vida cotidiana e as intervenções psicossociológicas traz à tona a presença do sujeito social e possibilita a construção de teorias que explicam a natureza dos vínculos sociais e os processos dinâmicos que moldam as instituições (Roedel, 2001). As referências aqui utilizadas são de uma base de Psicossociologia francesa, onde surgem seus primeiros pensadores, durante as buscas latino-americanas de referência não houve achados para construir e dialogar com esse trabalho que foi conduzido e pensado com o referencial de Camargo *et al.* (2021) que busca conectar o individual-psicológico-singular-subjetivo ao coletivo-social-popular-político. Porém foram utilizados os referenciais que se aproximavam desse desejo.

No campo da Psicossociologia de/com comunidades, pensando a comunidade latino-americana, é defendida a orientação dos processos interventivos, além de desenvolver estratégias psicossociológicas que estejam alinhadas às necessidades requisitos da situação atual (Camargo *et al.* 2021).

Reforça-se que uma Psicossociologia com comunidades deve se dedicar a intensificar os encontros e interações. Incentivar conexões, impulsionando processos de criação coletiva de saberes contextualizados, e análise crítica das realidades comunitárias. (Camargo *et al.* 2021).

É possível a partir dos pensamentos e estudo de Camargo *et al.* (2021) tratar das

abordagens participativas, pois há a discussão de metodologias participativas que enfatizam a colaboração e a construção coletiva de conhecimento com as comunidades. Conscientização e inclusão, pois destaca a importância da conscientização e do envolvimento dos membros da comunidade em processos de mudança. A ideia é que as comunidades participem ativamente da solução de seus próprios problemas e na construção de conhecimento. A transformação social devido utilizarem o conceito de transformação social que é abordado através da participação comunitária e do desenvolvimento de práticas que visam superar a exclusão social e fortalecer as identidades culturais. Isso implica um trabalho conjunto e colaborativo dentro das comunidades. Por fim, abordam a psicologia comunitária que envolve o trabalho com grupos e coletivos para promover mudanças sociais e fortalecer a sociedade civil. Essa abordagem busca envolver os grupos comunitários no processo de transformação e solução de problemas.

3.2 Os projetos de vida no envelhecimento

Para construir projetos de vida é essencial estar ancorado no presente e explorar as necessidades de descobrir um novo eu, o que implica na necessidade de adaptar os projetos existentes. Propor algo novo é também criar vida (Mendes; Cruz e Tavares, 2020). A forma como os valores circulam na sociedade contemporânea e o poder que eles exercem determinam se os indivíduos e seus corpos contribuem para a formação da subjetividade, afetando diretamente a crença na possibilidade de construir projetos durante o envelhecimento (Tavares e Mendes, 2021).

Refletir sobre a construção de projetos de vida envolve dois elementos centrais: identidade e plano moral, ambos fundamentais na busca por sentido (La Taille, 2006a, 2009; Miranda, 2016). Elaborar sonhos e aspirações requer a capacidade de realizar, construir e adaptar-se, o que significa ser o protagonista e criador de visões transformadoras e novas realidades a serem vividas (Miranda, 2016).

Não são apenas a vontade subjetiva e as circunstâncias objetivas que moldam os projetos de vida, mas sim as relações entre o sujeito e o mundo social. Essas relações, enquanto construções intersubjetivas e psicossociais, permitem ao sujeito organizar seu projeto de vida dentro do espaço comum e compartilhado das representações, passando da representação à ação e retornando sequencialmente, percorrendo o movimento dialético inerente às relações psicossociais (Ribeiro, 2010, p. 122).

Na constituição do sujeito no mundo, Ribeiro (2010) identifica dois sentidos distintos, mas indissociáveis, do termo "projetos de vida". O primeiro refere-se ao projeto como vinculado à identidade, funcionando como um instrumento para a construção de si mesmo. O segundo trata do projeto como um conjunto de ações estruturadas para a realização de um desejo, dependendo das relações com os outros.

Os projetos de vida se baseiam em motivações, ou no "porquê" de se desejar algo, estimulando o questionamento e a crença no potencial para construir atividades que promovam o bem-estar durante o envelhecimento. É crucial analisar as narrativas do cotidiano e como essas experiências se inserem na vida presente (Tavares; Mendes, 2021).

Para alguns, projetar-se pode parecer um exercício de devaneio, uma atividade sem propósito real, destinada apenas à gratificação íntima, sem vislumbrar resultados específicos ou decisões a serem tomadas. No entanto, projetar-se para o futuro pode também implicar uma compreensão da possibilidade. Ao imaginar, aspirar e construir projetos para o futuro, a pessoa é obrigada a utilizar sua capacidade de realizar, construir e mudar, o que implica em sua própria visão protagônica como agente de mudança e criador de uma nova realidade vivida (Miranda, 2016).

Segundo Miranda (2016), escolhas e construções não são meramente concretas, e os projetos de vida não se resumem a "escolhas simples". Construir projetos de vida significa avaliar possibilidades éticas, relacionamentos e responsabilidades, respeitando a própria história e modo de vida.

Um projeto é um elemento crucial do comportamento profissional e seu suporte concreto de aprimoramento e realização. Deve estar sempre inserido no contexto mais amplo dos projetos de vida, cada um dos quais é um processo evolutivo e sequencial. Esse processo envolve antecipação de resultados desejados, além de medidas de julgamento e apropriação de coisas, espaço e tempo (Ribeiro, 2004).

De acordo com Tavares e Mendes (2021), tornar-se ator e protagonista do envelhecimento é assumir o sentimento de pertencimento nas atividades realizadas, refletir sobre a tomada de decisões, a organização do dia a dia e o enfrentamento da lógica social do idadismo. O termo "planejamento de vida" não se refere apenas ao alcance de metas ou ao comportamento do sujeito para atingir padrões; propomos distanciar-se das formas comportamentais estabelecidas que determinam o papel da pessoa idosa. Em vez de seguir os

padrões acelerados da sociedade, é essencial respeitar o ritmo da vida, criando espaço para o desejo.

Os projetos de vida abrem portas para a criação de novas áreas de experiência e novas subjetividades que encontram sentido nas relações que compõem a velocidade e o repouso do corpo ao envelhecer. Acredita-se que sempre há mais formas de vivenciar a vida do que podemos descrever, se permitirmos o acesso a rotas alternativas para dismantelar a imagem do envelhecimento como um "lugar de falta" e, assim, escapar de identidades pré-moldadas. Isso permite o encontro constante do sujeito com o mundo exterior e a maneira como o "eu" se organiza (Tavares e Mendes, 2021).

Para criar projetos de vida, é necessário primeiro trabalhar com os valores emocionais e sociais que paralisam o poder da ação e da criatividade no cotidiano. Na (re)invenção de si, é preciso examinar partes da história e tratar os lutos para abrir espaço para uma vida renovada. Utilizando gestos e práticas sensíveis, indivíduos podem proporcionar modos de viver no envelhecimento, refletir sobre modelos de hábitos e gerar experiências significativas que resultem em projetos de vida (Tavares e Mendes, 2021).

Sendo assim, os projetos de vida referem-se ao planejamento e à construção de um caminho pessoal e profissional que o indivíduo deseja seguir ao longo de sua vida. Envolve a definição de metas, a tomada de decisões e a organização das ações necessárias para alcançá-las. Para muitos, o projeto de vida é uma forma de dar sentido e propósito à vida, adaptando-se a mudanças e desafios ao longo do tempo.

3.3 A produção de vida

A noção da produção de vida é entendida pelos modos de estar no mundo, existir e de fabricar mundo. Ao entender a vida como um fluxo contínuo de atividades não lineares, é possível entender a vida em suas dimensões (Guattari, 1992; Quarentei, 2001), além de acreditar que “atividades podem ser nosso chão, um lugar para nos deslocarmos, ocuparmos e existirmos e, até ou principalmente, do modo que gostamos, preferimos. Ocupar as atividades, e não mais sermos ocupados por elas” (Quarentei, 2001, p. 6).

Quarentei (2001) descreve que “na produção algo transborda ou resiste, insiste nos corpos. Algo ainda ou já os habita. Algo ligado... algo que pertence àquele mistério da potência de criação de mais vida” (p. 7). A terapia ocupacional, como produção de vida, é a

recriação de/da vida, é afirmar um lugar da simplicidade, do acolher e refazer-se, traduzir-se em atividades.

A expressão "produção de vida" aparece em diversos trabalhos de terapeutas ocupacionais, embora não haja indicação de que esses autores compartilham a mesma visão conceitual (Kinker, 1997; Buelau *et al.* 2009; Lima *et al.* 2009 apud Albuquerque; Cardinalli; Bianchi, 2021).

Quarentei (2006) traz 3 verbos na terapia ocupacional relacionados às atividades dos sujeitos, ações referentes ao modo de produzir vida, profissionalmente e também às pessoas que cuidamos, ações estas que correspondem a experimentar, apreciar e afirmar.

O imaginário social é fundamental porque permite que os integrantes compartilhem uma visão comum de suas aspirações e objetivos, e vivenciam emocionalmente a necessidade de concretizar seus sonhos (Enríquez, 2001).

O experimentar é arriscar para além de uma posição de resultados imediatos, desejos; acolher o inesperado, o desconhecido e estar aberto ao novo, fazer amarrações com a criação. A apreciação é um procedimento, um momento, e aqui recortado à importância na terapia ocupacional, apreciar é deixar ser afetado pelo outro, pelas suas produções, pelos modos de ser e de fazer; o apreciar é produzir e criar beleza. Por fim, à ação de afirmar o sentido, este que é afirmado sobre nós, e pelo exercício da legitimação, fazer o seu sentido afirmar (Quarentei, 2006).

Ao entender o uso das atividades como recursos diagnósticos e terapêuticos, abre-se espaço para a expressão e criação de afetos, atividades como territórios para expressão e criação de afetos, no agir, no processar, nas potencialidades e qualidades, parte da experimentação e experiência no campo da terapia ocupacional, enquanto agenciamento ou criação de ação, um fazer, e dos afetos e forças (Quarentei, 1994). Logo, a utilização do referencial de produção de vida atravessa diversas pessoas e coletivos, ao entender de forma integral a vida dos sujeitos.

3.4 Relação entre projetos de vida e produção de vida

Pensar e relacionar os projetos de vida e a produção de vida, implicou em um aprofundamento para construir uma relação, considerando o olhar da terapia ocupacional e de práticas relacionadas ao cuidado. O conceito de projeto de vida traz à luz a visão e objetivos

do que uma pessoa pensa para o futuro, normalmente influenciado por suas ações e decisões ao longo da vida. O projeto de vida estará ligado a uma autoeficácia, à autonomia, considerando a capacidade da pessoa de estabelecer destino, seja ele de uma programação, ou de um ato a ser tomado no aqui-agora, na terapia ocupacional pensar projeto de vida é compreender as motivações e objetivos individuais, e muitas vezes desconstruir o pensamento de que para possuir um projeto ele precisa de elaboração extremamente complexa. Posso ter um projeto no aqui-agora de fazer uma visita a um amigo vizinho, tal qual, elabora a longo prazo uma viagem a outro continente para visitar um amigo, que implicam elaboração e execuções diferentes.

A produção de vida, por sua vez, diz respeito à maneira como as atividades e experiências diárias interferem na manutenção e transformação da vida, tal qual ao experimentar, apreciar e afirmar que a autora Quarentei aponta. É um conceito que não se limita à sobrevivência material, mas também ao progresso social, cultural e pessoal. A ideia é de que as ações cotidianas são fundamentais para a criação e reorganização contínua da vida e das relações sociais. Na terapia ocupacional, a produção de vida está relacionada à forma como as atividades e os contextos nos quais os indivíduos estão inseridos contribuem para o seu bem-estar e identidade. Isso compreende aspectos outros, considerados como práticas que não apenas mantêm a vida, mas também a enriquecem e modificam.

Enquanto projetos de vida oferecem uma orientação e um objetivo que direcionam ações e escolhas de uma pessoa, que é sustentado e modificado pela produção de vida, que vai se referir às experiências e atividades humanas que moldaram e remoldam continuamente o projeto de vida. A produção de vida poderá oferecer novos olhares e oportunidades que acessem e atravessem a vida na trajetória de um projeto de vida.

A produção de vida, irá sustentar e dar apoio ao projeto de vida, fornece contexto, condições necessárias para realizar um projeto. As experiências diárias, as apreciações e as afirmações dialogam com as relações sociais, as práticas culturais que são fundamentais para o crescimento e adaptação constante do projeto de vida e da(s) produção(ões) de vida.

A criatividade e a transformação cultural promovem novas formas de viver e expressar a vida, melhorando o projeto de vida. Atividades artísticas e culturais oferecem oportunidades para explorar novos aspectos da identidade e subjetividade, impactando e ampliando o projeto de vida de maneiras inovadoras e significativas. Atividades, rotinas diárias e o dia a dia estão

diretamente associados à produção de vida, que pode ser entendida como a produção de vida em si definida como a preservação da própria vida.

Associar projetos de vida e produção de vida envolveu uma análise complexa, exigindo uma perspectiva em relação às práticas diárias e as experiências da vida, que são subjetivas a cada pessoa, a terapia ocupacional considera ambas as dimensões, podendo auxiliar as pessoas a definir e alcançar objetivos. Dita essa associação, após o encerramento com essas pessoas envolvidas entre 2019 e 2020 no VivacIDADE, é possível construir que foram pensados indiretamente também a produção de vida dessas pessoas idosas, pois lhes foram proporcionadas a vivência e a transformação contínua por meio das atividades, observando as experiências que suportam e enriquecem cada existência. Essa associação permite uma percepção mais integral com enfoque ao desenvolvimento do coletivo, que poderá se associar a memórias e narrativas.

3.5 Memórias e narrativas

Halbwachs compreende que a pessoa que recorda está sempre envolvida e influenciada por grupos de referência. Portanto, a memória é sempre construída coletivamente, embora também seja um esforço individual. O coletivo de pessoas é composto por: referência, da qual o indivíduo já participou e com a qual cria uma comunidade de ideias (Schmidt; Mahfoud, 1993).

A vitalidade das relações sociais no grupo revitaliza as imagens que constituem as lembranças, que são frutos de um processo coletivo e estão inseridas em um contexto preciso. Essas lembranças, apoiadas na comunidade afetiva, são marcadas pelo reconhecimento e reconstrução, enquanto o desaparecimento está ligado ao esquecimento (Schmidt; Mahfoud, 1993).

Segundo Halbwachs, a memória deve ser examinada considerando que não se trata de uma repetição linear de eventos, acontecimentos e experiências, distinguindo-se daqueles que podem ser recordados e localizados em um registro histórico. Tempo e espaço estão intrinsecamente ligados às interações sociais. Para que haja evocação, é necessário que existam resquícios da rememoração para a construção das lembranças (Silva, 2016). Não basta reconstruir imagens de eventos passados de forma fragmentada para se obter memórias; essa reconstrução deve ocorrer entre dados ou conceitos comuns, pois eles se conectam e só fazem sentido se fizerem parte de uma mesma sociedade ou grupo (Halbwachs, 2013).

Walter Benjamin (2006) oferece uma perspectiva da memória a partir de experiências e reminiscências que se evidenciam no presente, sugerindo que a relação entre passado e presente não é linear, mas sim um encontro dialético em que o passado e o presente se unem em um "lampejo" que forma uma constelação imagética. Essa intersecção não é temporal, mas imagética, e é nesse momento que a imagem dialética, carregada pelo momento crítico, torna-se autenticamente histórica e significativa no presente. Além disso, Benjamin (2012) argumenta que a arte de comunicar experiências está em extinção, sendo nesse contexto que é mais fácil observar o que está desaparecendo. Ele distingue entre dois tipos de memória: a voluntária, que envolve a disposição intelectual e a lembrança de eventos passados de forma intencional, e a memória involuntária, que se refere à experiência que forma uma tradição, mantendo uma continuidade entre presente e passado, mas sem ser uma representação direta do que o presente faz do passado.

Numa perspectiva latino-americana, Gondar (2016) irá apontar algumas proposições sobre uma memória social. A primeira é que o campo da memória social é transdisciplinar, caracterizado por uma polissemia que reconhece que a memória comporta significados e se abre para sistemas de signos, sejam simbólicos (palavra oral e escrita), icônicos (imagens esculpidas e desenhadas) ou indiciais (corporais). A proposta transdisciplinar evidencia a disjunção de disciplinas, e o objetivo é criar algo, entendendo que a memória social como objeto de pesquisa não pertence a nenhuma disciplina específica, mas está em constante construção a partir de problemas que atravessam as disciplinas.

A segunda proposição de Gondar é que o conceito de memória social é ético e político. Dialogando com os campos dos saberes e dos discursos, a memória é tecida pelos afetos e experiências. A terceira proposição é que a memória implica o esquecimento, entrando em um paradoxo onde a lembrança e o esquecimento coexistem na memória social. A quarta proposição é que a memória não se reduz à identidade; ao participar do esquecimento, a memória não se limita à preservação da identidade, mas se abre à invenção e à produção do novo. A quinta proposição é que a memória não se reduz à representação, mas também não exclui as representações coletivas, incluindo a invenção e produção do novo; não há memória sem criação (Gondar, 2016).

Ecléa Bosi (1993), em seus trabalhos sobre memória e sociedade, aborda os campos de sentido e argumenta que a memória é um trabalho sobre o tempo, tempo este vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo, mas que não flui de maneira uniforme. As memórias não são

mais restauradoras, tornando-se geradoras do futuro, lembrando não o passado, mas o futuro passado. A nostalgia, segundo Bosi, revela outro lado: críticas às aspirações da sociedade atual e do futuro.

Bosi (2003) destaca termos como narrativa e oralidade, pois ambos ocorrem no tempo, falam do tempo e recuperam a própria voz, onde a memória se abre do presente ao passado e deste ao presente. Ela associa que a expressão oral da memória de vida aproxima-se mais da música do que do discurso escrito.

Conforme Janotti (1996), ao recuperar a memória através da narração oral, a história oral quebra os silêncios do passado, desvendando eventos, vivências e concepções que não são facilmente encontradas nos registros escritos e nas versões ocultas da história. Dessa forma, produzir narrativas de memórias possibilita a compreensão complexa de experiências. Isso significa que os narradores contam suas histórias em torno de uma temática - neste caso, o coletivo VivacIDADE - e, no encontro entre narradores e ouvintes, constroem-se as narrativas (Costa; Imbriza; Kurna, 2015).

Para que as memórias dos lugares e das pessoas contribuam para enriquecer e complementar as nossas, é importante que as lembranças estejam de alguma forma conectadas aos eventos que fazem parte do nosso passado (Costa; Maciel, 2009). Segundo Costa, Imbriza e Kurna (2015), a narrativa é o resultado do encontro que produz mudança, transforma e afeta. Ou seja, produzir dados é tecer as trocas que emergem do encontro entre narrador e ouvinte, mediado pelo território.

4. METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada foi baseada na pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2007), aplicava-se ao campo de significados, motivações, aspirações, convicções, valores e comportamentos. Em outras palavras, espaços relacionais mais profundos que não podiam ser simplificados a variáveis operacionalizadas.

A coleta de dados foi realizada por meio de escutas de narrativas temáticas, sem um roteiro previamente estabelecido, que abordaram os aspectos sobre experimentar o coletivo VivacIDADE, por meio da escuta sensível e das memórias coletivas de pessoas idosas, com um enfoque retrospectivo, e nos impactos psicossociológicos que promoveram a participação e o engajamento. A memória pôde ocupar um espaço do método de pesquisa, enquanto método qualitativo, que correspondia ao relacional, com as pessoas, sendo necessário assumir compromissos éticos durante a pesquisa, e o entendimento de que era um estudo pautado pelo relato e a história oral (Dores, 1997).

Através do contato direto com as pessoas, envolvendo seus sentidos, sensibilidade, subjetividade, história e memória, é possível lidar com indivíduos que possuem características diferentes do pesquisador, como idade, costumes, religião, cor, gênero, personalidade, opiniões e trajetórias de vida. Embora, à primeira vista, essas diferenças possam parecer um obstáculo para estabelecer uma conexão, com paciência e respeito, elas podem se transformar em uma relação amigável, resultando em relatos ricos e valiosos. (Dores, 1997).

A escuta do relato oral, segundo a autora, requer preparação, sendo um local propício para a coleta, observação da duração, percebendo os limites físicos e psicológicos do participante, e a disponibilidade dos mesmos. Ela também dava dicas para iniciar a pesquisa com um recurso, quando disponível, como uma foto, um documento relacionado, ou algo que tivesse marcado o momento do participante. Em seguida, após a coleta, era necessário realizar a transcrição e a análise, que devia considerar todos os aspectos da situação do relato oral, com enfoque na fidelidade. A conclusão envolvia paciência, disciplina e ética com o material colhido (Dores, 1997).

Pelo contato direto com as pessoas, com seus sentidos, a sua sensibilidade, a sua subjetividade, a sua história, a sua memória. Pessoas, muitas vezes com idade, costume, religião, cor, gênero, personalidade, opinião, trajetória de vida, totalmente diferente do pesquisador. O que, à primeira vista, já podia ser um empecilho para qualquer relacionamento. Mas, com paciência e respeito, podia se reverter em uma relação amigável, com um belíssimo relato (Dores, 1997, p. 115).

Segundo Bosi (1993), idealmente, o intérprete devia ser sempre a mesma pessoa que coletava os dados. Ao final do trabalho, ele não podia ser submetido à inspeção ou desmontado como as engrenagens de um relógio, mas um caminho podia ser lembrado para ajudar futuros pesquisadores.

Como riscos, assumi a possibilidade de desconforto, frustração, interferência na vida das pessoas idosas, esgotamento físico e mental e a necessidade de responder sobre áreas sensíveis da vida. E, como benefícios, as trocas sobre a importância dos coletivos para com a pessoa, lugar de fala e escuta para as pessoas idosas, e a criação de um repertório de memórias de atividades que fossem significativas.

4.1 Coleta de Dados

O encontro e a reaproximação do campo com os participantes ocorreram no mês de agosto de 2022, após a finalização da aprovação no comitê de ética e pesquisa. Com a diminuição de casos da Covid-19 e o afrouxamento das restrições de contatos, e considerando que o público da pesquisa correspondia a pessoas idosas, o contato para agendamento foi realizado pela internet e aplicativo WhatsApp® para marcar os encontros a partir do aceite de participação nesta pesquisa de qualificação.

A pesquisa foi realizada a partir da escuta das memórias dos participantes do coletivo, com 3 participantes, sendo denominados por (P) os participantes: P1, mulher, 68 anos, P2: homem, possui 67 anos, P3: mulher, 72 anos, idades referentes no momento da coleta em 2022, o trio residia na Região Administrativa do Distrito Federal, as pessoas idosas que aceitaram participar da pesquisa possuem ensino superior, a considerar que P1 e P2 são casados.

Uma ou mais pessoas, juntando suas lembranças, consegue descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembramos de nada de tudo isso (Halbwachs, 2013, p. 31).

Os registros foram feitos por meio de gravação de áudio para transcrição posterior e a análise correspondeu à transcrição da prática e olhar sensível aos encontros. Foi realizada a análise temática dos dados (Minayo, 2007) e dos materiais já produzidos, documentados e guardados no diário de campo da pesquisadora.

4.2 Considerações Éticas

Este projeto foi encaminhado e submetido para aprovação do Comitê de Ética, após a etapa de qualificação para abarcar as sugestões da banca, e seguiu todos os pressupostos dispostos na Resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos. Após a aprovação, todos os participantes que concordaram em participar do estudo assinaram o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), que visava esclarecer os objetivos e assegurar total sigilo dos dados pessoais dos participantes, pedindo autorização para a utilização das informações e materiais apenas para fins de pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

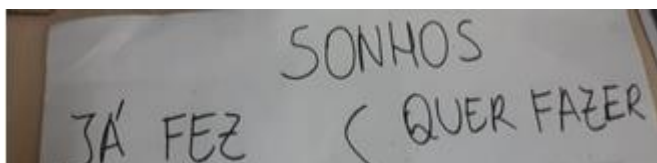
A coleta de dados foi realizada em Ceilândia, Região Administrativa do Distrito Federal, participaram da pesquisa três pessoas idosas, que estiveram do início ao fim do processo físico, grupal e coletivo do VivacIDADE. Constarão nesses resultados pessoas nomeadas como P1, P2 e P3 devido a proteção e sigilo dos participantes.

No momento da coleta, foi realizado visita domiciliar aos 3 participantes, sendo eles: a P1, mulher, 68 anos, P2: homem, possui 67 anos, P3: mulher, 72 anos (idades referentes a data de coleta de dados), vale ressaltar que os participantes 1 e 2 são casados e participaram conjuntamente do VivacIDADE, reforça-se aqui que a coleta de dados ocorreu em agosto de 2022. O trio reside na região de Ceilândia/DF, nenhum deles nasceu na cidade, considerando que atualmente Brasília/DF possui apenas 64 anos. A seguir, serão apresentadas narrativas dos participantes e algumas categorias.

5.1 Experiência no VivacIDADE e Atividades Grupais

A oficina, que foi transformada em grupo, e constituída como coletivo VivacIDADE teve três grandes marcos, e isso responde a memórias da pesquisadora, conforme descrito nos Quadros 1, 2 e 3. O primeiro momento foi norteador para a concepção de um grupo, ou seja, foram pensadas atividades para que fosse construída a consolidação de um grupo, nesse primeiro encontro havia uma sala cheia com aproximadamente 35 participantes, alguns claramente não se viram naquele grupo, e outros optaram por experimentar novamente. A apresentação foi realizada por meio de uma atividade teia (utilizamos o recurso de um novelo de linhas), que envolveu a criação de uma rede física entre todos os participantes do grupo, posterior a este momento foram desenhando/escrevendo sobre as fases da vida (infância, adolescência, idade adulta e envelhecimento) e escrevendo sobre sonhos realizados e não realizados, tabelados por “já fez” / “quer fazer”

Figura 1. Primeiro encontro com as pessoas idosas



Fonte: Acervo do grupo e diário de campo (2019).

Por meio dessa intervenção foi possível associar e compreender os fazeres marcantes nas vidas dos participantes, Nessa atividade aparece a infância com memórias positivas e negativas, e relacionado ao envelhecimento surgem sentimentos relacionados à liberdade, alegria, autonomia e o tempo dedicado ao trabalho e filhos, mas ao apontar o tempo livre há aspectos relacionados a solidão. Chegar a um conceito de sonho futuro foi complexo para diversos participantes, indo ao encontro de uma dificuldade de construção de projeto de vida e produção de vida, visto que um sonho pode ser algo de uma simplicidade, como tomar um sorvete de determinado sabor, a algo mais complexo como fazer uma viagem.

Dialogando com o referencial escolhido para essa dissertação, esse primeiro encontro vai ao encontro da teoria de que para construção de projetos de vida é fundamental estar ancorado no presente e explorar a necessidade de descobrir e possibilitar a novidade. Isso exige adequar os projetos que já existem, o algo novo também é produzir vida (Mendes; Cruz e Tavares, 2020). A circulação e o poder dos valores na sociedade moderna determinam se os indivíduos e seus corpos contribuem para a formação de sua subjetividade, o que afeta diretamente as crenças sobre a possibilidade de realização de projetos durante o envelhecimento (Tavares e Mendes, 2021). Quarentei (2006) entra como referência importante por elencar três verbos da terapia ocupacional que se relacionam com as atividades dos participantes: experimentar, apreciar e afirmar. Estas etapas são sobre como criar vida profissionalmente e com outras pessoas, que a partir do primeiro encontro com esse grupo, as monitoras e docente aceitaram o desafio.

Como resultado do “já fiz” e “quero fazer” há apontamentos sobre viagens, estar em outro lugar, outro país, com a possibilidade de experimentar algo novo; citavam também atividades relacionadas a bens financeiros, o desejo de uma casa própria, terminar uma reforma, compra de um carro, ganhar na loteria, auxiliar financeiramente os filhos; atividades de autocuidado, cuidar da saúde, fazer caminhada; atividades voltadas ao presente, fazer cursos, voluntariado, fazer mais coisas no dia a dia; rede de apoio social, fazer novas amizades e melhorar as relações familiares.

A partir desse primeiro encontro, percebemos um grupo que possuía sim sonhos e desejos, capazes de produzir e projetar vida, então foi nesse momento que foi optado por trabalhar questões cotidianas e da rotina a partir da terapia ocupacional.

Seguindo para o segundo encontro, foi realizada uma tenda do conto, que envolvia que

cada participante levasse algum objeto cotidiano (livros, fotografias, utensílios, entre outros) e contasse alguma história sobre/a partir daquilo, como usava, o por que usava, ou até mesmo o por que mantinham aquele objeto, a atividade tinha como foco uma troca e aproximação e construção de vínculo entre os participantes e os alunos, profissionais e professora responsável. A concepção do VivacIDADE implica na busca de sentido e significado para a existência, e a visualização de projetos possíveis, mesmo que com alterações e ajustes, pois era entendido que as pessoas idosas possuíam projetos que não envelheciam ou se perdiam com o passar do tempo, e sem a necessidade de atribuir prazos (curto, médio ou longo), e que nessa concepção os projetos envolvem os espaços, o território em que se vive, a família, a cultura, valores, interesses, desejos e sonhos, e que a partir de um grupo é possível tecer redes e pensar territórios possíveis.

O convite à Tenda do Conto é objetivo: traga ou leve um objeto que você guarda com carinho e com afeto, algo que marque sua experiência de vida. O participante se afeta com o convite; então, começa a mobilizar recursos éticos, estéticos e políticos para escolher o que irá levar à Tenda do Conto, sabendo que tanto pode levar um objeto relacionado à experiência do passado ou a uma experiência que está vivendo no presente. (Félix-Silva *et al.*, 2014).

A tenda do conto é uma tecnologia leve utilizada com o trabalho em grupos, para fortalecer o vínculo, o respeito às diferentes histórias de vida, o acolher e o pertencimento. A partir desse encontro é vista uma transição de oficina para grupo, a partir das trocas dos que ali se veem e se pertencem, E com a análise de Enríquez (2001), que oferece uma compreensão dos mecanismos que sustentam a formação e a continuidade dos grupos, destacando a importância de um projeto comum, a influência da idealização, ilusão e crença, e o papel crucial dos grupos minoritários na dinâmica entre desejo e reconhecimento. Ao conectar esses conceitos, a prática terapêutica se alinha ao entendimento de que os sonhos e desejos do grupo são elementos vitais na construção de um projeto coletivo e na promoção do bem-estar.

O terceiro encontro levou para os participantes expressões de vitalidade, para que os mesmos trouxessem ao grupo, houve a divisão em duplas, cada dupla ficava com um sentimento de vitalidade e tinham de fazer do uso da mímica para que os outros participantes compreendessem e acertassem qual era o sentimento, possuíam um certificado de cada sentimento, e a pessoa que acertasse ganhava o certificado. O VivacIDADE se propôs a trabalhar com os participantes o desenvolvimento de projetos e produção de vida, que despertasse o engajamento com vida, a autonomia e a construção e realização de desejos e sonhos. A partir disso, pensava-se em atividades que oferecessem sentido e autonomia nos

projetos cotidianos. Há encontros que a pesquisadora não consegue detalhar em mínimos detalhes, pois eles foram vividos, e alguns não trazem grande descrição no diário de campo e nem nas memórias dessa pesquisa, como apontado por Halbwachs a memória é sempre construída em grupo, mas também é um trabalho individual (Schmidt; Mahfoud, 1993).

O quarto encontro nomeado por sentimentos, dança do conhecimento e caixa do espelho, aplicava uma abordagem possível para a terapia ocupacional para avaliar, fortalecer e construir possibilidades. As pessoas idosas que até aqui permaneceram, que eram uma média de 14 participantes, levavam demandas sobre a dificuldade de se envolverem nas atividades do dia-a-dia, demandas de saúde mental e pouco engajamento social, buscou-se captar as subjetividades presentes e utilizá-las como potencial terapêutico. Nessa atividade específica foram dispostos papéis coloridos, para que os participantes fossem instigados a pensar em um sentimento e relacionar com alguma cor disponível, depois juntavam-se do participantes que estavam com as mesmas cores, para compartilharem a experiência e interpretação do motivo da escolha da cor e do sentimento, e da associação feita, proporcionando troca e interação social. A dança do conhecimento era uma dança compartilhada em dupla e troca de informações, para se conhecerem, e revezamento dos pares, até que todos tenham passado por todos os integrantes do grupo, e a caixa do espelho possibilitou uma roda, que a partir de uma caixa com espelho em que eles deveriam individualmente abrir e dizer o que estão vendo ali dentro. O objetivo é que eles descrevam suas próprias características ao se observarem.

Figura 2 - Territorialização



Fonte: Acervo do grupo e diário de campo (2019).

A partir desse encontro é possível perceber uma aproximação com o que é trazido como referencial em território-rede de Costa e Mendes (2014), que destacaram a indissociabilidade entre espaço e tempo e a combinação de "território e rede" em "território-rede", incluindo a compreensão de dois movimentos de construção de territórios onde o espaço contínuo de fixação e uma mobilidade descontínua formam o território "no e pelo movimento". Pois é possível pelas memórias da autora, o acesso e encontro com o local onde vivem, e os papéis e sentidos que atribuem a cada local, muitas vezes associado a saúde e doença.

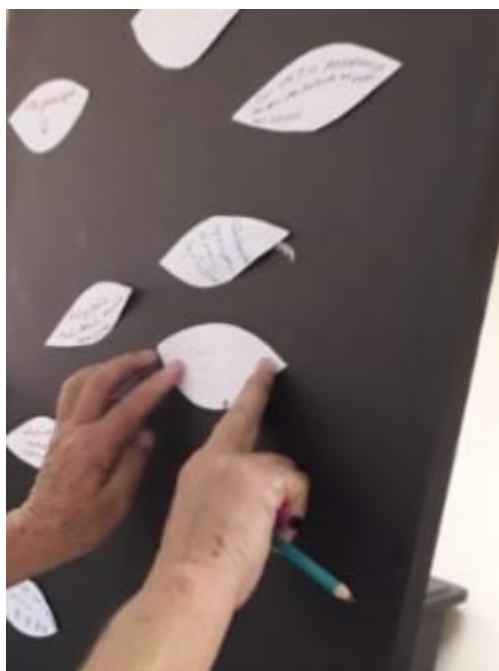
No quinto encontro surgiu uma demanda ainda não colocada, mas que se associa à percepção de alguns participantes associarem o nome VivacIDADE com Viva Cidade, e abordam e levam ao encontro com uma territorialização, levantando e levando ao grupo os lugares favoritos que eles ocupam, e os sentimentos que esses locais evocam neles, e especialmente a Região Administrativa de Ceilândia/DF, inclusive locais "clássicos" que nunca haviam ocupado ou até mesmo referentes à Brasília, e que mesmo emergentes nunca visitaram e/ou conhecem.

No sexto encontro, cada participante entregou de 2 a 5 fotografias para os discentes que acompanhavam o grupo, e os colocamos em formas de slides para que o grupo tentasse adivinhar de quem eram aquelas fotos, e de preferência as mais recentes e que não mostrasse o rosto dos mesmos, e esse encontro possibilitou uma contação de histórias partindo das

fotografias, possibilitando um encontro com o que Merhy aponta como tecnologia leve ou leve-dura. A "contação de história" emerge como uma intervenção inovadora na atenção básica de saúde oferecendo uma abordagem que pode estimular a cognição e a memória das pessoas idosas, ao mesmo tempo em que promove diálogos enriquecedores e o compartilhamento de saberes em um contexto de interação social. Essa prática, apesar de raramente utilizada, enquadra-se nos moldes de tecnologia leve e leve-dura de Merhy, que valoriza a educação em saúde como um ato vivo, capaz de organizar ações humanas e fomentar atitudes que cultivem o envelhecimento ativo, ressignificando o processo do envelhecimento. A contação de história não apenas contribui para o bem-estar cognitivo e emocional das pessoas idosas, mas também oferece uma atividade de lazer que pode beneficiar as contadoras de história, ampliando o repertório de intervenções voltadas ao envelhecimento saudável e ativo.(Costa *et al.*, 2016).

No sétimo encontro foi realizado uma roda do cotidiano e mandala do cotidiano, onde utilizamos uma abordagem para dizer os momentos e atividades que os indivíduos realizam as suas tarefas e atividades; e a criação de uma mandala, com chuva de palavras que representem o significado de cotidiano para os participantes, logo surgiam questões e informações tanto positivas quanto negativas.

Figura 3 - Mandala



Fonte: Acervo do grupo e diário de campo (2019).

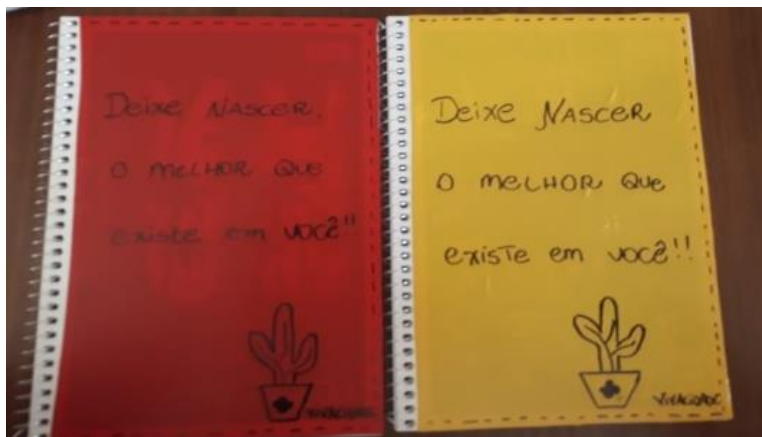
Essas atividades trabalharam as atividades e demandas cotidianas e seus significados, conseguindo trazer um olhar para si, para o que gosta de fazer, como tem utilizado seu tempo. Foram observados como resultados uma dificuldade inicial em olhar para atividades do presente, e ao final obteve-se segundo os participantes: autoconhecimento, aumento da confiança em si, pertencimento, vontade de viver mais, capacidade de experimentar coisas novas, valorizar-se, viver momentos felizes, tranquilidade, melhora na timidez, maior facilidade para se posicionar na vida e início de novas atividades.

No oitavo encontro, foi possibilitado novamente um reencontro com os sonhos e desejos já abordados durante as semanas anteriores, e é onde há uma organização para a efetivação de um passeio dentro do território do Distrito Federal, que correspondeu no nono encontro, que foi a visita ao Catetinho, lugar histórico, por corresponder à primeira residência oficial do presidente Juscelino Kubitschek na época da construção da atual capital do país, Brasília. Na atividade de passeio foi possível trabalhar a socialização, memórias, narrativas, resgate de histórias e realizar um fechamento dos objetivos do grupo. Alguns projetos de vida já foram iniciados enquanto outros foram descobertos ao longo do grupo e necessitam da continuidade do trabalho para serem concretizados e possibilitarem cada vez mais a autonomia das pessoas idosas frente às suas escolhas, suas formas de viver e envelhecer.

A análise dos sentidos considera os contextos nos quais os indivíduos vivem, incluindo os lugares e as redes sociais que moldam seus interesses e desejos. Esses contextos ajudam a formar o que chamamos de território-rede. Para classificar esses territórios e redes, foi usada uma abordagem que combina diferentes áreas de conhecimento. O território é visto como um conjunto de lugares, interligados e históricos, onde acontecem as interações sociais (Costa e Mendes, 2014).

Posterior a visita a esse local marcador de história e narrativas da própria capital, houve um encontro para o fechamento do grupo e oficina, porém foi demandado pelos participantes que permaneceram do início ao fim das atividades uma continuação, e é nesse ponto, que é observado uma construção além de apenas um grupo de atividades, e o surgimento de um coletivo, pois entre eles, por mais diversidade que tivesse, havia troca, que de acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, "coletivo", (co-le-ti-vo), adjetivo, 1. Que forma coletividade ou provém dela; 2. Que pertence a ou é utilizado por muitos.

Figura 4 - Com o encerramento do primeiro ciclo, foi distribuído um caderno com os dizeres: "Deixe nascer o melhor que existe em você!!"



Fonte: Acervo do grupo e diário de campo (2019).

Após um pequeno hiato, foram retornados os encontros com o grupo do VivacIDADE, em 05 de setembro de 2019, o hiato implicou devido ao período de férias da Universidade de Brasília. No segundo momento do grupo havia um enfoque de encontros quinzenais, porém as discentes envolvidas realizaram encontros nas semanas que não havia encontro com as pessoas idosas para construir as atividades, na mesma perspectiva do primeiro, vivenciando: apreciando, experimentando e afirmando a cada encontro as necessidades das temáticas grupais, o primeiro encontro foi para reafirmar nossos acordos, fortalecer o vínculo, acessar e expressar a saudade. Dito isto, o encontro seguinte foi com as alunas extensionistas, que agora não contava apenas com alunas do curso de terapia ocupacional, mas também discentes do curso de enfermagem e farmácia. Após o primeiro encontro, foi decidido realizar uma atividade corporal, para que os participantes tivessem liberdade para escreverem, descreverem, desenharem, uma atividade livre que remetesse ao que eles entendem por ser uma pessoa idosa e de uma liberdade artística, de que poderiam inserir o que viessem ao momento daquele presente.

Figura 5 - Corpos



Fonte: Acervo do grupo e diário de campo (2019).

Posterior a essa atividade, o grupo, já intitulado aqui pela pesquisadora como coletivo, participou da semana universitária da Universidade de Brasília, os participantes e monitoras estiveram em uma Oficina ofertada pela docente Grasielle Silveira Tavares, na semana universitária, contando com a presença de alunos de diversos cursos de graduação, com atividades corporais, possibilitando um olhar para a troca intergeracional que ocorria naquele espaço. Costa e Maciel (2009) apontam que há uma relação íntima entre o ato de lembrar e a dimensão do fato de ser recordado para o sujeito que relata suas lembranças para pensar sentidos de comunidades.

A atividade árvore da vida, implicava a construção de uma árvore com palavras, frases, desenhos, e constavam no tronco da árvore palavras como: “coragem”, “propósito”, “tempo”, “vontade”, “está com saúde!!!” e “disposição”, entre outras que não estão legíveis nas fotografias. E nas folhas das árvores, constavam desejos, vontades, ou seja, projetos de vida, como “semana que vem, vou comer bolo de chocolate [...]”; “ir ao médico que faz

muito tempo que não vou” “jogar dominó na terça feira”; “gostaria muito de morar perto de todos meus netos” entre outras que também não estão legíveis. Todas as escritas entre aspas estão fiéis às escritas dos participantes.

Figura 6 - Árvore da vida



Fonte: Acervo do grupo e diário de campo (2019).

O conceito de memória social não pode ser formulado de forma simples, imóvel e clara da forma clássica. Pelo contrário, acreditamos que é um conceito complexo e inacabado. um processo de construção contínuo (Gondar, 2005). Segundo Gondar (2016), aponta quatro proposições, sendo que a primeira o campo da memória social é transdisciplinar, reconhecendo que as memórias contêm significado, podendo ser simbólicas (oral e escrita), figurativas (imagens moldadas e desenhadas) ou indexicais (físicas). A segunda sugestão de Gondar é que o conceito de memória social é ao mesmo tempo ético e político. Em diálogo com os campos do conhecimento e do discurso, a memória é tecida através do afeto e da experiência. A terceira afirma que lembrar significa esquecer, caindo assim no paradoxo de que lembrar e esquecer coexistem na memória social. A quarta afirma que a memória não pode ser reduzida à identidade. Ao participar do esquecimento, a memória não se limita à preservação da identidade, mas abre-se à invenção e à produção de coisas novas. E que a quinta proposição é a de que a memória não se reduz à representação, mas também não exclui as representações coletivas, incluindo a invenção e produção do novo, ou seja, não há

memória sem criação.

A memória social vai além da ressignificação de histórias vividas a partir da experiência presente; ela é inerentemente coletiva, tratando da construção contínua de um espaço e tempo coletivo a partir de uma perspectiva cultural específica. Há uma relação íntima entre o ato de lembrar e a dimensão do fato recordado para o sujeito que relata suas lembranças para pensar sentidos de comunidades (Costa e Maciel, 2009, p. 61).

Nessa segunda etapa do grupo, além de ser visualizado como coletivo, também surge um sentido, além, sentidos de comunidade. Logo, os encontros entre as discentes e com os participantes ficam difundidos na memória da pesquisadora, quase como algo unificado, não esquecido, como aponta a terceira proposição de Gondar (2016), que afirma que lembrar significa esquecer, caindo assim no paradoxo de que lembrar e esquecer coexistem na memória social. Mas misturado, então para os participantes nessa etapa, foi realizado de acordo com o diário: a atividade corporal e a visita à Universidade de Brasília, uma atividade de árvore da vida já supracitados.

O coletivo passava por um momento muito subjetivo, delicado e interpessoal entre os participantes, as atividades foram surgindo demanda após demanda grupal, como por exemplo a atividade sobre o luto, pois diversas pessoas idosas do grupo estavam levando questões de perda e do não saber lidar com o luto, logo foi produzido um *setting* terapêutico para acolhimento e troca para com essas pessoas, que perpetua até a atividade “sobre o que compartilham e pensar um local para irem em coletivo”, pois como coletivo foi pensado estratégias de enfrentamento e criada uma rede de suporte dentro do VivacIDADE.

As atividades de “Diagrama de Escolta”, “atividades com dados” e a atividade “sobre o que compartilham e pensar um local para irem em coletivo”, são faltas na memória da pesquisadora e não há informações suficientes para detalhamentos de acordo com o diário de campo, o que foi armazenado é que na última atividade citada, os participantes, especificamente as pessoas idosas compartilharam e fizeram trocas diversas, escolheram e planejaram um encontro extra-instituição, por contra própria, logo o encontro foi para os acordos e delegação de tarefas para que esse encontro do coletivo ocorresse, que foi realizado na semana seguinte na casa de uma participante, no qual cada um levou um prato e/ou bebida para fazerem uma confraternização, o feedback das pessoas idosas é que foi um momento diferente, nunca vivenciado por eles a considerar os afetos e as trocas no envelhecimento, por

sair da rotina e da mudança de cenário, e que todas as comidas estavam saborosas e foram extremamente bem recebidos pela anfitriã. Jogo do tabuleiro de projetos de vida e finalização com o desejo de dar continuidade em 2020 para um grupo dos participantes como também monitores, seres pensantes e pertencentes àquele coletivo.

Porém, devido à pandemia de covid-19, que em 11 de março de 2020 era caracterizada como pandemia, e à agitações globais com diversas preocupações, a própria saúde, a saúde dos seus, os empregos, os lugares e o isolamento social, a Universidade de Brasília suspendeu as aulas presenciais em 16 de março de 2020, ressalto aqui o atravessamento além citado, que a autora encontrava-se no último período de graduação, então assim como toda a população global haviam questões puramente subjetivas para os alunos formandos, e o trabalho de conclusão de curso também seria sobre um ensaio com as experiências vividas no processo do VivacIDADE, então como autora, houveram atravessamentos diversos e conflitantes como pessoa participante. Com essas ponderações para situar o leitor, farei uma descrição das atividades realizadas durante o momento pandêmico, o grupo apenas conseguiu ser estruturado e aberto em junho de 2020, que em Brasília estava, assim como em diversos lugares do mundo no seu “boom” de preocupações, principalmente com o contágio e com a morte.

Houve toda uma preparação e acionamento dos participantes do VivacIDADE, mas tivemos uma dificuldade relacionada às pessoas idosas que não possuíam: internet, telefone celular, e/ou quando possuía não sabia utilizar as plataformas digitais para encontros e reuniões remotas, então foram produzidos vídeos de orientação para que essas pessoas pudessem participar dos encontros, ressalto que o grupo saiu do formato fechado para aberto, para acolher outras pessoas idosas que estavam também buscando apoio em algum grupo remoto.

Nessa etapa do processo tivemos muitas desistências, por não se adaptarem ao processo digital, por não gostarem e não conseguirem acessar determinada plataforma, aqui cabe pensar sobre o letramento digital das pessoas idosas, e como elas foram excluídas nos processos remotos de atividades, tanto por questões vulneráveis como não ter uma rede de internet em casa, pelo não querer, e pelo não conseguir acessar.

Os encontros eram atravessados pelas falas, atingir uma organização para que as atividades fossem pensadas para que mantivessem o sentido e significado, os projetos de vida

e a produção de vida em pandemia, foram as maiores dificuldades para o grupo que liderava os encontros remotos, porém em junho iniciamos o grupo.

O primeiro e segundo encontro foram responsáveis pelo reforço dos vínculos entre alunos e a docente, para compreender os cenários e possibilidades individuais e interpessoais de ocupar o lugar no grupo, já cientes da dificuldade que surgiu com o grupo remoto.

O contato com os participantes era constante via WhatsApp®, então eles não ficaram desassistidos durante os processos de entrada, manutenção do áudio aberto e vídeo aberto, os momentos de troca de turno (lugar de fala) era um conglomerado de atravessamentos até a constituição do grupo e que as monitoras estiveram mais preparadas para conseguir impor limite. No dia 12 de junho de 2020, foi decidido que nosso norteador seriam construções de vídeos semanais, que cada participante seria responsável por produzir algo, indo ao encontro com a produção de vida, nosso enfoque nesse módulo foi focar no afirmar, apreciar e experimentar (Quarentei, 2006), que correspondia a um desafio a considerar o cenário.

No terceiro encontro foi apresentada a proposta de criação de vídeos cotidianos, que já contava com o primeiro encontro entre as alunas, docente e os participantes, incluindo os novos, o encontro soava como “o viver só, e a solidão”, a considerar que a maioria das pessoas idosas ali presente morava sozinha, e no encontro com o diário de campo, quando fizemos algumas perguntas para os acordos grupais, surgiram fala e reatividades de mostrar a rotina, pois a proposta era corresponder a 3 grupos: o “informa” que envolvia que os participantes desse mini-grupo, pesquisassem notícias para levar ao grupo, tanto sobre o tema da pandemia ou não; os “fazeres”, os participantes desse grupo iriam mostrar coisas cotidianas como fazer um chá,, ou uma comida; e o “cuide-se” que eram dicas de autocuidado para o grupo.

A proposta da atividade era de manter vinculação e construir conteúdos para disponibilizar entre o próprio grupo, então cada discente era responsável por confeccionar o vídeo de alguma semana. Nesse encontro, era possível encontrar falas de desesperança, mas a partir das questões ocupações e mediação do grupo foi possível chegar a outros temas. Uma das participantes trouxe questões como o ócio da pandemia, um alto apego aos fatores religiosos, ver a morte como processo natural, ocupação através da confecção de crochê, e que ainda mantinha fazeres da sua rotina; outro relatou estar buscando ajuda de profissionais de saúde mental e cuidado com animais; que haviam pensamentos negativos, e a necessidade de

presença de algo, que se apoiava na espiritualidade, relato de choro e o alívio pós-choro, e que ao participar de atividade remota afastava um pouco os pensamentos sabendo que iria participar, conversar e desabafar com outras pessoas; outros foram bem sucintos, só informando que estavam bem, e outra participante do dia não conseguiu estabilidade para permanecer no grupo.

Durante este encontro foi explicada a temática dos encontros semanais, e realizada a divisão de grupos, como grupos de trabalhos, entre o de "informa" que buscava informações relevantes durante a semana para levar ao encontro e ao grupo do e "fazeres" e "cuide-se" e utilizando a plataforma WhatsApp® para a troca de vídeos, fotos, áudios para a confecção dos vídeos curtos, um grupo de discente ficou responsável por um grupo, no qual iam levantando perguntas durante a semana para a construção e participação ativa dessas pessoas idosas. Segundo Enríquez (2001) para que um grupo minoritário tenha sucesso, é essencial que seus membros tenham uma crença firme na causa e estejam dispostos a fazer sacrifícios por ela.

No quarto encontro houve a retrospectiva semanal, e o encontro teve como início a projeção do vídeo confeccionado que era o norteador dos encontros, surgiram demandas durante as trocas sobre durante o isolamento, abordou-se temas como a rotina diária, com atividades como jogos, crochê, cuidados com plantas e assistência a familiares. Houve também relatos sobre dificuldades com mobilidade, saudades e restrições de sair de casa, além de desafios emocionais, como a preocupação com a saúde dos familiares e o cuidado com a casa. Outro ponto foi o uso de tecnologia para manter contato e acompanhar informações, com dúvidas sobre medidas de segurança relacionadas ao covid-19. A partilha de sentimentos, como gratidão e saudade, destacou o apoio emocional mútuo entre os membros do grupo. A reunião foi finalizada com uma sessão de alongamento, incentivando o autocuidado físico.

No quinto encontro nomeado por "identificar as crenças dos envolvidos no grupo", após a projeção do vídeo da semana, a reunião abordou temas relacionados à rotina dos idosos durante o isolamento, com destaque para atividades religiosas, cuidados com a saúde, e desafios emocionais. Houve partilhas sobre a falta de exercícios e das atividades em grupo, além de preocupações com questões legais e familiares. Também foram discutidos métodos caseiros para cuidados de saúde e receitas naturais. A reunião incluiu uma apresentação sobre a dengue, enfatizando sintomas, formas de prevenção e os cuidados necessários, especialmente para pessoas idosas. Houve comparações entre os sintomas da dengue e da covid-19, gerando preocupação sobre a confusão entre as duas doenças. Por fim, muitos

expressaram a necessidade de apoio psicológico para enfrentar o isolamento e as preocupações familiares, com incentivo à busca de ajuda profissional. A reunião foi finalizada com uma sessão de alongamento por uma participante do mini grupo “cuide-se”, promovendo o bem-estar físico.

No sexto encontro, teve a inserção de novos participantes, a reunião abordou temas variados, destacando as experiências e reflexões dos participantes sobre suas vidas e o impacto do grupo. Foram compartilhadas falas sobre a importância dos projetos de vida e produção de vida, realização de sonhos, e o cuidado com as pessoas queridas. Discussões sobre voluntariado e trocas entre gerações reforçaram a união do grupo, com destaque para a experiência dos mais velhos e a força dos jovens. Houve também uma abordagem sobre saúde, com foco na prevenção do HIV entre os idosos, discutindo preconceitos e a falta de conhecimento sobre o uso de preservativos.

A necessidade de fé, afeto e acolhimento emocional foi um tema recorrente, especialmente em momentos de solidão e fragilidade. A leitura de um poema trouxe à tona sentimentos de tristeza e a busca por apoio emocional. Isso gerou reflexões sobre como lidar com dificuldades emocionais, com sugestões de se apoiar na espiritualidade e em atividades que promovem bem-estar, como a escrita e a oração. Houve incentivo ao compartilhamento de estratégias para enfrentar momentos desafiadores. Ao final, o grupo reforçou a importância de cuidar da espiritualidade e manter-se firme diante dos problemas da vida, com palavras de encorajamento e fé. A reunião foi enriquecida com a troca de ideias sobre projetos futuros e a importância de manter o grupo ativo e unido.

No sétimo encontro, foi proposto ao grupo, uma experimentação do novo, foi apresentado um novo membro ainda não descrito aqui, que foi um parceiro e também teve encontro com pessoas idosas e foi o Renato Perroto Machado, na época em seu mestrado em design pela Universidade de Brasília, que foi ao encontro do grupo para propor que, em caso de desejo participassem do grupo “HorTOCAR” que fez parte do grupo de Extensão TOCAR, conduzido pela professora Grasielle Silveira Tavares, que a considerar os desafios da manutenção do coletivo na modalidade remota, O VivacIDADE enfrentou diversos desafios ao se adaptar ao formato online. Em resposta a essa dificuldade, surgiu o Grupo HorTOCAR, que se dedicou a criar um espaço para compartilhar conhecimentos sobre atividades de agricultura doméstica, viáveis de serem realizadas durante o isolamento no primeiro ano da pandemia (Machado; Mendes e Tavares, 2023).

No oitavo encontro durante a reunião, os participantes expressaram solidariedade e apoio a uma integrante que está se recuperando de uma doença que havia sido a contração do covid-19, reforçando a importância de seguir as recomendações de cuidado, como o uso de máscara e o isolamento. Houve reflexões sobre o papel do cuidado, tanto na perspectiva de quem cuida quanto de quem recebe cuidado. Alguns relataram a dificuldade em aceitar o cuidado, valorizando a independência, enquanto outros refletiram sobre o excesso de zelo e a forma como os profissionais de saúde frequentemente direcionam informações aos familiares, desrespeitando a autonomia dos idosos. Também foi discutida a exclusão das pessoas idosas em decisões familiares, especialmente em convites e escolhas sobre o cotidiano.

No oitavo encontro em específico diversas discentes precisaram ser acolhidas após o encontro, devido como já relatado no trabalho, o VivacIDADE, foi um grupo de muita troca, cuidado e aproximação, por isso em algum momento ele é visto como um coletivo. Ao ver uma das participantes idosas, correspondendo ao grupo de risco na pandemia, as alunas foram acolhidas após a finalização do grupo, porém houve melhora no quadro da pessoa idosa que estava com covid-19. Eram realizados contatos diretos com a pessoa para saber do quadro clínico e psicossocial, demonstrando que o grupo também era rede e espaço para que ela convocasse os caso necessário. O grupo vibrou quando a participante negativamente para o covid-19 e foi um encontro de festa remota.

No último e nono encontro, realizado em 30/07/2020 com o coletivo, diversos sentimentos e preocupações foram compartilhados em relação à pandemia e às medidas de isolamento social. Os participantes expressaram uma sensação de solidão e restrição, destacando a dificuldade de sair de casa e a sensação de vigilância constante. A reabertura gradual do comércio não pareceu aliviar a situação para os participantes, que continuaram se sentindo excluídos e solitários. A pandemia trouxe também um sentimento de desconsideração por parte da família e uma dificuldade em lidar com a distância social.

A comunicação foi identificada como um ponto crucial. A falta de clareza sobre como as mensagens são recebidas e os impactos dessa comunicação foram discutidos. A fala e a expressão dos sentimentos são vistas como formas importantes de mobilização e apoio. Foi sugerido que o grupo se torne uma rede de apoio mútua, com o objetivo de compartilhar experiências e oferecer suporte. Além disso, foi proposto encaminhar leituras que ajudem a refletir sobre os vínculos e relações que nutrem emocionalmente. A atividade planejada inclui pensar em estratégias para construir relações que proporcionem suporte e bem-estar.

A carga emocional de promover os encontros remotos foi altíssima, para a docente, para a pesquisadora que relata, para as alunas envolvidas e para os participantes, o momento da pandemia foi muito sensível para a grande maioria das pessoas.

Durante a pandemia de covid-19, pessoas idosas foram identificadas como um grupo de risco e enfrentaram uma série de desafios devido ao isolamento social prolongado. As recomendações para esse grupo incluíram manter o máximo de isolamento possível, uso de máscaras e medidas rigorosas de higienização. Muitas pessoas idosas passaram a viver em um mundo sem abraços e encontros presenciais, o que agravou a solidão e as dificuldades emocionais (Moura, 2021).

O impacto psicológico do isolamento é significativo. A solidão e a ausência de interações sociais podem levar a um declínio na cognição, no ânimo e a um aumento na sensibilidade a ameaças, conforme observado por Tappenden & Tomar (2020) apud Moura (2021). Esses fatores podem resultar em aumento de cortisol, diminuição da imunidade, distúrbios do sono e ganho de peso. Também destacam esses efeitos adversos (Javadi e Nateghi, 2020 apud Moura 2021).

No entanto, há indícios de que algumas pessoas idosas podem demonstrar maior resiliência, atribuída a fatores internos como capacidade cognitiva e traços de personalidade, bem como a fatores externos como estabilidade financeira e apoio social (Vahia, Jeste & Reynolds III, 2020 apud Moura, 2021). A sabedoria, um traço que envolve empatia, compaixão e regulação emocional, pode ser um fator importante na resiliência durante crises prolongadas (Zanon *et al.*, 2021).

Para apoiar a saúde mental dos idosos, é crucial fornecer apoio prático e emocional, disseminar informações claras sobre a redução do risco de infecção, e encorajar a manutenção de rotinas e atividades físicas (Organização Mundial de Saúde, 2020; Serviço de Saúde Pública inglês, citado por Tappenden & Tomar, 2020 apud Moura, 2021). Apesar da vulnerabilidade do grupo, as estratégias de cuidado devem considerar a variabilidade nas condições de saúde, rede de apoio e outros fatores individuais.

Os referenciais supracitados vão ao encontro com sentimentos de solidão e isolamento, que os participantes trouxeram relatos sobre os temas; impactos psicossociais a considerar o isolamento prolongado, o não poder ver o outro e a não interação física, que acarretaram falas alertas sobre saúde mental, a sensação de desconforto e dificuldade

emocional causada pelo isolamento, a falta da família, mas é possível observar achados no grupo remoto como busca de maior resiliência e sabedoria para enfrentar as mudanças e adversidades causadas pela pandemia, os participantes trazem falas resilientes, como a sabedoria e a capacidade de adaptação que podem mitigar alguns efeitos negativos do isolamento.

O VivacIDADE se propôs a oferecer apoio, prático e emocional, a fim de disseminar por meio do próprio mini-grupo de informe a não propagação de fake news, e fortalecer e reforçar as rotinas regulares, promover e incentivar as atividades físicas para melhorar o bem-estar, construindo uma rede de apoio, criando uma relação que nutre a necessidade de pensar estratégias de enfrentamento e apoio para melhorar aquela vivência durante momento de isolamento. O grupo sempre foi muito plural, desde questões interpessoais, de personalidade, até de questões e acometimentos de saúde, mas isso não impediu a construção de uma rede de apoio e outros fatores que favoreceram e tentaram minimizar os impactos da pandemia.

5.1.2 Tipos de atividades realizadas ofertadas pelo serviço ao olhar dos participantes

Os participantes costumavam participar de diversas atividades propostas pela instituição, sendo relatado por ele:

[...] e tinha o a reuniões de grupo, eu fazia musculação, fazia hidroginástica, teve dois anos que teve o balé, ô coisa maravilhosa. (P3).

Excepcionalmente, esses participantes sempre foram muito ativos ao participar de atividades na Região de Ceilândia, costumavam buscar formas de aprender, preencher o tempo rotineiro pós-aposentadoria, e não necessariamente estavam restritos apenas a instituição do Sesc. Ecléa Bosi (1993), quando aborda sobre a memória e sociedade, traz sobre o campo do sentido e argumenta que a memória é um trabalho sobre o tempo, tempo este vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo, mas que não flui de maneira uniforme. Os participantes desta pesquisa irão abordar diversos tempos e temáticas da vida interpessoal e subjetiva deles. Incluindo um encontro com a nostalgia que revela outro lado: críticas às aspirações da sociedade atual e do futuro (Bosi, 1993).

"eu fui com o IFB que eu fiz o curso de informática lá pro idoso".(P3).

O Instituto Federal de Brasília (IFB) também possui um campus na região de Ceilândia, e oferta cursos gratuitos à população para diferentes populações e faixa-etárias.

Lá tem grupo no SESC desde que eu comecei a frequentar eles são muito unidos por exemplo teatro, coral, o outro lá que eu acho muito unido, bingo e artesanal. Tinha de dança também, num tinha? (P3)

As atividades de engajamento social desempenham um papel crucial no processo de envelhecimento, especialmente quando analisadas sob a perspectiva do território-rede. A teoria do território-rede (Costa e Mendes, 2014) aborda a interconexão entre as pessoas e os espaços que habitam, enfatizando a importância de atividades significativas que envolvam interações sociais e ocupações em territórios familiares. Essas atividades ajudam a fortalecer os fatores protetores do envelhecimento, promovendo não apenas o bem-estar físico e mental, mas também reduzindo o isolamento social entre as pessoas idosas. Por exemplo, projetos como o VivacIDADE, que envolvem encontros e atividades diversas em Ceilândia, demonstram como o engajamento em grupos comunitários pode criar um senso de pertencimento e fortalecer as redes sociais dos participantes, contribuindo significativamente para um envelhecimento saudável (Mendes; Cruz; Tavares, 2020). E ainda aborda um questionamento, como uma tentativa de lembrar, que dialoga com Gondar e Dondebei (2005) ao questionarem o conceito de memória social não por meio de definições prontas, mas adotando a hipótese que a memória é um campo de luta, e que configura um embate entre lembrança e esquecimento.

É de extrema importância ressaltar o papel do engajamento social durante o processo de envelhecimento, especialmente quando se trata da criação de redes de apoio por meio de atividades coletivas. A formação de um ambiente de apoio colaborativo possibilita que as pessoas idosas não apenas desfrutem de atividades recreativas, mas também estabeleçam novas conexões sociais e fortaleçam as já existentes. Essas interações desempenham um papel essencial na promoção de um senso de pertencimento e no cuidado da saúde mental e emocional, aspectos cruciais no processo de envelhecimento. Estudos demonstram que a participação ativa em atividades como teatro, coral, dança e artesanato não só preenche o tempo das pessoas idosas, mas também os ajuda a se reconectar com a sociedade, combatendo o isolamento e promovendo um envelhecimento mais significativo, inclusivo, integrado e participativo (Moura *et al.*, 2018).

5.2 Expectativas quanto ao VivacIDADE

Durante o primeiro encontro do VivacIDADE, houve uma alta procura para entender do que se tratava, então no primeiro momento havia uma média de 30 a 40 pessoas idosas no grupo, o que era um desafio a ser pensado, pela escuta, pelas demandas diversas, porém entre o segundo e terceiro encontro houve um fechamento do grupo, no sentido de: os que se viram pertencentes às nossas propostas ficaram, e tornaram-se um grupo presente.

É possível encontrar até mesmo uma pessoa que, mesmo não gostando da primeira atividade proposta, persistiu e permaneceu com o coletivo até o fim.

No começo eu esperava mais porque pelo nome eu achava que a gente tinha que viver a cidade do Distrito Federal [...] achei as atividades muito simples. (P3).

Esse feedback após 2 anos da finalização do grupo, chama a atenção devido a um apego às palavras. E ao brincar com as palavras e decidir colocar VivacIDADE, era um intuito de viver essa idade, ou seja, por meio de pensar projetos de vida, e experimentações, apreciações e afirmar sonhos, desejos e possibilidades dentro do envelhecimento, mas há sim a correlação com a cidade, mas é interessante a percepção não comunicada no ato, embora dentro das atividades propostas houvesse atividade extra-instituição.

Era muito bom, muito bom. Você viu que quase não tinha ausência, não tinha falta (P2).

De acordo com a pesquisa de Costa e Mendes (2014), a coesão é fortalecida pela criação de um ambiente inclusivo e de apoio onde os membros se sentem valorizados e conectados ao território e às redes sociais que compõem o grupo. Esta abordagem enfatiza que a coesão é um processo dinâmico, influenciado pela interação contínua e pelo compromisso ativo dos participantes, essencial para desenvolver um sentido de comunidade e enfrentar os desafios do envelhecimento em conjunto. A importância de um quadro atualizado reside na necessidade de adaptar esta dinâmica às especificidades dos grupos contemporâneos, que valorizam cada vez mais a diversidade e a inclusão como pilares fundamentais da coesão do grupo.

E pra mim foi importante porque eu aprendi muitas coisas assim, inclusive é ser mais liberal, né? Ser mais comunicativo, né? E a pedir

também, achei assim, a equipe de vocês é uma equipe muito assim, atenciosa com a gente, né? Eu gostei bastante. E assim, em todos os sentidos (P2).

A invenção de uma distância de confiança e a abertura é primário para a produção de grupos coesos e participativos. Nesse contexto, o termo "liberal" é alcançado quando a edificação de um âmbito em qual lugar todos têm o direito de dar suas opiniões e sentimentos sem receio de audiência ou repressão. Isso é notadamente relevante em grupos comunitários ou terapêuticos, em qual lugar a segurança emocional é necessária para o conhecimento ativo e genuíno dos membros. Segundo Costa e Mendes (2014), anivellar um distância de som inclusivo estimula a comunhão estada e o intensificação de laços entre os participantes, permitindo quão cada indiviso se sinta valorizado e ouvido..

5.2.1 O Vivacidade para os participantes

Ah pra mim também foi muito bom, muito interessante, né? Pra interagir mais, né? Conhecer sabe meus direitos, né? E um monte de coisa mesmo em torno mesmo aqui de Brasília, né? De conhecer as coisas, os lugares cê vê o lugar que praticamente a gente quase nasceu aqui, veio pra aqui criança e não conhece muita coisa, não sabe muito do lugar. (P1)

Adotar práticas que reconheçam e valorizem o lugar de moradia das pessoas idosas pode melhorar significativamente sua participação social e engajamento comunitário. O reconhecimento do território como um espaço de direitos implica não apenas na oferta de serviços de apoio, mas também na promoção de um ambiente onde as pessoas idosas possam exercer plenamente sua cidadania, contribuindo para a construção de uma comunidade inclusiva e solidária. A abordagem "age in place" enfatiza a importância de adaptar as comunidades para que sejam acessíveis e acolhedoras, garantindo que as pessoas idosas possam continuar a viver de forma ativa e independente no lugar onde construíram suas vidas e memórias (Nascimento e Melazzo, 2013; Menezes e Carvalho, 2017; Low *et al.*, 2020).

Quem ficou foi os inteligentes, sabe por quê? Porque chegou lá, achou que eles esperavam uma coisa totalmente diferente, entendeu? Mas quem ficou, perseverou, viu que valeu a pena (P2).

O contato com novas experiências e atividades pode desempenhar um papel fundamental na construção de significados e afetos, especialmente em grupos que buscam

proporcionar um ambiente acolhedor e participativo. A participação em atividades que envolvem tanto o novo quanto o familiar possibilita aos membros explorar diferentes formas de pertencimento e reconhecimento. Segundo Enríquez e Lévy (2001), a construção de afetos dentro de grupos é mediada pela idealização e pela crença no projeto comum, que não só fortalece os vínculos, mas também impulsiona a continuidade do grupo. Essa dinâmica é essencial para o desenvolvimento de um senso de comunidade, onde o afeto e a participação ativa se tornam pilares para o sucesso e a coesão do coletivo.

Não, assim, um grupo grande igual aquele, né? E pra mim foi importante porque eu aprendi muitas coisas assim, inclusive é ser ser mais liberal, né? Ser mais comunicativo, né? E a pedir também, achei assim, a equipe de vocês é uma equipe muito assim, atenciosa com a gente, né? Eu eu gostei bastante. E assim, em todos os sentidos.(P2)

A importância de ser mais "liberal" no contexto do grupo também reflete a necessidade de um ambiente que promova a autonomia e a independência dos seus integrantes, valorizando suas vozes e experiências únicas. Para o participante, esse conceito pode estar relacionado com a ideia de ser mais comunicativo e assertivo, sentindo-se ouvido e respeitado pelas suas contribuições. discutem que a sensação de ser parte de um espaço que aceita e incentiva a livre expressão é uma componente chave para o sucesso e continuidade de qualquer grupo, pois fortalece a identidade coletiva e o compromisso dos membros com o projeto comum.

O conceito de coletivo com direitos e o acesso aos territórios é abordado pela Psicossociologia de comunidades, que busca conectar o individual ao coletivo, promovendo espaços de engajamento social e fortalecimento de redes de apoio (Camargo *et al.* 2021) e é possível pensar a discussão que esses coletivos são essenciais para a construção de um território-rede (Costa e Mendes, 2014), onde o espaço contínuo de fixação e as redes de mobilidade formam uma dinâmica de pertencimento e ação coletiva. Esse referencial teórico destaca a importância de reconhecer e valorizar os direitos dos membros do coletivo, assegurando que todos tenham acesso aos recursos e oportunidades necessárias para uma participação plena e significativa na vida comunitária.

5.2.2 Participação no VivacIDADE em Ceilândia

Eu acho as coisa muito jeitinho de vocês [...] Tratar as pessoas idosas é como se o idoso fosse uma coisa que quebra. Muito sensível que não

pode falar nada fora daquilo ali que vai ofender e eu tiro por mim, não é isso. Nós às vezes queremos um tratamento do mais jovem porque é complicado, mas assim, pelo menos na fala que fala-se diferente e que programa as coisa melhor, o VivacIDADE foi muito bom, mas deixou desejar a questão da programação (P3)

P3 critica a abordagem excessivamente cuidadosa e sensível do programa.

Eu achei muito assim, muito interessante e se tiver novamente eu quero participar, porque eu achei assim, que me ajudou bastante em relação a participação, a atenção, né? (P1).

Na terapia ocupacional, a participação social é um aspecto central, pois envolve o envolvimento ativo dos indivíduos em atividades significativas no seu contexto comunitário. Quando um grupo se forma em coletivo, ele passa a existir fora de atividades específicas, criando um sentimento de continuidade e pertencimento entre os participantes, mesmo que o coletivo seja temporário ou tenha fechamento permanente. A continuidade das conexões criadas em coletivo reflete a construção de um espaço de acolhimento e troca, onde os participantes se conhecem e se conectam por meio de experiências compartilhadas. Isso significa que, mesmo após o término formal da atividade, o coletivo continua existindo na memória e na rede de apoio formada entre seus membros.

E assim eu também foi muito bom em em sentido interagir mais né? E valorizar também coisas pequenas né da nossa vida, né?" P1).

Na terapia ocupacional, apreciar as pequenas e sutis belezas que se revelam nas atividades cotidianas é um conceito central que destaca a importância das experiências cotidianas e das atividades significativas na vida dos indivíduos. A prática profissional inclui não só a execução da atividade, mas também a valorização dos momentos e nuances sensíveis que se desenvolvem durante o processo, que permitem criar uma conexão mais profunda com o seu ser e o meio ambiente. Esta abordagem enfatiza que, ao envolverem-se em atividades cotidianas numa perspectiva de apreciação e empatia, as pessoas podem encontrar beleza e significado em ações aparentemente simples, como cuidar de uma planta, preparar uma refeição ou dar um passeio.

E eu ficava aqui Quarenta, cinquenta minuto aqui olhando e os assuntozinhos (P3)

A integração de pessoas idosas e estudantes em grupos tem se mostrado uma prática

eficaz na promoção de habilidades de comunicação, pesquisa e cooperação, funcionando como um dispositivo terapêutico de grande valor. Essa abordagem possibilita que os participantes, independentemente da faixa etária, possam aprender uns com os outros, criando um ambiente de aprendizado colaborativo e enriquecedor. No caso específico dos grupos em que as pessoas idosas assumem o papel de compartilhar informações e pesquisas com os demais, observa-se um fortalecimento significativo das suas habilidades cognitivas e sociais (Lima e Oliveira, 2015). Essa interação proporciona não apenas um senso de propósito, mas também reforça a autoestima e o reconhecimento do valor individual de cada participante dentro do coletivo.

O processo de investigação e a posterior apresentação dos resultados ao grupo permite aos participantes desenvolver competências essenciais, como a capacidade de sintetizar e articular ideias, além de fomentar o sentimento de pertença e de contribuir para o grupo. Este tipo de configuração de grupo, onde as responsabilidades são distribuídas e cada membro desempenha um papel ativo, revela-se uma ferramenta poderosa para promover o envolvimento e a coesão do grupo.

Estas dinâmicas não só facilitam a aprendizagem mútua, mas também contribuem para a construção de redes de apoio, fortalecendo a identidade coletiva e a resiliência dos participantes, aspectos fundamentais para a saúde e bem-estar social e emocional, especialmente entre e pessoas idosas. Assim, o trabalho em grupo intergeracional surge como uma estratégia valiosa na terapia ocupacional porque proporciona um espaço inclusivo e colaborativo onde a aprendizagem e o crescimento pessoal são contínuos e compartilhados.

A rotina é eu dormir, levantar, fazer o meu café, devo sentar ali, daqui a pouco eu venho cuidar da minha comida. Lavo a loucinha que suja e só. (P3)

O cotidiano que busca a produção de vida vai além das rotinas básicas e repetitivas, como dormir, comer e realizar tarefas domésticas. Trata-se de dar significado a essas ações diárias, transformando-as em momentos que promovam bem-estar, propósito e conexão com a própria existência e a capacidade de produzir mundos (Guatarri, 1992; Quarentei, 2006). A produção de vida envolve ressignificar essas atividades, reconhecendo nelas o potencial de contribuir para a vida e para a construção de uma rotina que seja não apenas funcional, mas também satisfatória e enriquecedora. Essa perspectiva valoriza o fazer cotidiano como uma oportunidade constante de criar e manter uma vida que seja plena e significativa.

Uma convivência assim sem problema, sem sem discriminação. Ah sem eu não gosto disso. Ah aquelas divergências mas só de momento ali né? Mas eh de ponto de vista no caso né. Mas gostei muito. Quando terminou nós sentimos muito assim. Inclusive eu falei com a P1 nossa mas essa oficina do VivacIDADE pra nós foi é uma pena que que pra mim eu poderia continuar (P2)

Foi uma benção. Mas só que depois veio a pandemia. (P2)

5.2.3 O VivacIDADE para os participantes

E foi excelente. Do ruim pra mim assim pra no meu pra mim eu não não me lembro assim de ter nada que que que não me agradasse, entendeu? Pra mim foi tudo além do esperado até. Ele não tem assim um lado negativo. Eu não me recordo de de ter pra mim só pra mim foi excelente, foi ótimo. (P2)

Boa eu eu defino a união. É igual eu falei, o que eu achei ruim dela foi no no a duração foi pouco tempo e agora a gente não conseguiu mais ter essa oficina, entendeu? Aí palavra que encaixaria aí (P1)

Eu sinto muita falta. A gente conversa e conversa e vem uma e fala assim e aquela, como é que chama mesmo aquela oficina que a gente participou, que aí fala o nome de vocês, a gente já sabe que é a VivacIDADE, porque o povo às vezes esquece, né? Aí assim, quer dizer, eu fiquei uma fala assim, eu ouvi falar e vocês contavam, eu fiquei esperando vaga eu vi já tinha terminado não existe mais essa oficina olha procê ver. É algo que marcou e que a gente ainda conseguiu passar pros colega. (P1)

Eu particularmente assim pra mim não teve piores momentos assim. Eu vi todos as aulas, né? Todo o convívio tanto com com os professores, com os colega, pra mim foi super proveitoso. Eu pra mim sim, eu eu particularmente não me lembro de ter assim um ponto negativo com relação a pra mim tudo encaixou perfeitamente. (P2)

Ah eu também gostei muito. Tem mais pontos positivo como o ruim sabe que foi quando acabou. Então não teve mais parou aí foi. (P1)

Como te falei eu achei muito interessante [...] de você valorizar as pequenas coisas, sabe? Porque as vezes você não valoriza muita coisa que você vive, que você tem, que você pode ter tá melhor, né e às vezes você não valoriza, né? (P1)

Eu achei muito interessante isso aí, me despertou um lado assim da gente, que eu pude passar também pra outras pessoas, até mesmo pra família, sabe? Sim. Achei muito interessante aqui (P1)

As falas evidenciam as percepções das pessoas idosas participantes do VivacIDADE, destacando a relevância do coletivo em suas vidas. Os relatos demonstram que a participação foi marcada por experiências, fortalecendo laços sociais, promovendo reflexões sobre o cotidiano e valorizando aspectos da vida frequentemente desconsiderados. A interrupção das atividades é apontada como aspecto negativo, evidenciando a importância de sua continuidade. As falas indicam que o VivacIDADE não apenas promoveu bem-estar individual, mas também possibilitou a disseminação de aprendizados e vivências significativas no meio social e familiar das pessoas idosas, ressaltando o papel transformador do coletivo no processo de envelhecimento ativo e socialmente engajado.

5.3 O ser chamado de velho, pelo outro

É não. Eu particularmente não. Incomoda. (P2)

A fala supracitada, vem ao perguntar ao participante se há desconforto com a palavra “velho”. Criando diálogo com o termo idadismo, também conhecido como ageísmo ou etarismo, diz respeito à discriminação, preconceito e discriminação, estereótipos baseados na idade, especialmente voltados para pessoas mais velhas. A discriminação decorre da utilização da idade para discriminar, categorizar e dividir as pessoas de maneiras que causam danos, desvantagens e injustiças e minam a dignidade. O processo de envelhecimento pode assumir diversas formas ao longo da vida. A discriminação pela idade é um grande obstáculo para a adoção de políticas e medidas eficazes que favoreçam o envelhecimento saudável, como reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OPAS, 2021)

Incomoda. Incomoda. Porque o seguinte eu também aprendi assim quando eu fui envelhecendo e crescendo já tava assim querendo mudar isso aí né? Dos mais vividos, mais experiente né eu acho assim, que todos se todos os jovens, todas as pessoas mais novas do que eu, se elas não morrerem antes, elas vão chegar na minha idade, né? Então, às vezes me incomoda mais, porque quando eles chegam falar e faz assim, chamar de velho, é porque já é alguma discriminação Entendeu? É no mais nesse sentido. Porque eu tenho um filho super carinhoso mesmo. Oh véio venha pra cá. Começou a me chamar de véia. Eu acho que eu não tinha nem cinquenta anos. Mas o jeito carinhoso. Né? (P1)

As percepções das pessoas idosas sobre como são tratados e percebidos socialmente estão intimamente relacionadas às experiências que eles vivenciam no seu cotidiano. Pessoas

idosas muitas vezes sentem que são tratados com desprezo, reforçando os estereótipos negativos associados aos estar velho e envelhecer. Esta percepção é moldada por interações sociais em que muitas vezes são vistos como menos capazes ou sem importância, o que pode afetar a sua autoestima e sentido de valor pessoal.

Então por que que nós temos que chamar a gente de velho? Se for gente talvez é mais novo do que eles porque eu não me troco por um monte de jovem que não faz o que eu faço né? Então eu acho muito errado isso. E eu ensino pros meus filhos, meus neto. Vocês não discrimina e se vocês puder ajuda. Não é? Sabe porque assim, tem situação que eu mesmo. [...] Às vezes uma mulher do cabelo branquinho até falei para o P2 depois de setenta anos eu não vou pintar cabelo mais eu quero loiro branquinho e exigir meus direitos eu vou pedir ao senhor me dá licença que eu quero sentar aí em meu lugar porque o motorista podia falar oh quem está sentado aí dá lugar pros idosos” (P1)

A forma como são abordados, sejam comentários infantilizantes ou invisibilidade social, contribui para um sentimento de distanciamento e exclusão. Contudo, esta percepção também é influenciada por experiências positivas, como o amor genuíno dos familiares, o que pode reduzir o impacto das atitudes discriminatórias, criando um contrapeso entre a avaliação e o preconceito percebido.

5.4 Direito da Pessoa Idosa

O Relatório Global sobre o idadismo, publicado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) em 2022, trata de estratégias para combater o preconceito contra as pessoas idosas, enfatizando a importância da conscientização sobre os direitos e a dignidade dessa população. A OPAS sublinha que o preconceito de idade é uma forma de discriminação que afeta negativamente a saúde mental e física de pessoa idosas, além de limitar as suas oportunidades de participação plena na sociedade. O relatório sugere a implementação de políticas públicas, campanhas educativas e programas intergeracionais como formas eficazes de combater o envelhecimento. Essas ações visam mudar percepções e comportamentos sociais, promovendo um ambiente de respeito e inclusão às pessoas idosas. A OPAS sublinha que a mudança de atitudes face às pessoas idosas é essencial para a construção de sociedades mais justas e igualitárias, onde todos os indivíduos, independentemente da sua idade, sejam valorizados e respeitados (OPAS, 2022).

Exercer os seus direitos como pessoa idosa inclui reconhecer e procurar acesso a

serviços e tratamentos que garantam dignidade e respeito, como o direito de usar assentos preferenciais nos transportes públicos. Este direito, garantido por legislação específica, visa proteger e facilitar a mobilidade e o bem-estar das pessoas idosas, reconhecendo as suas necessidades especiais. O seu exercício inclui não só a utilização destes espaços, mas também o combate ao preconceito de idade, que muitas vezes se manifesta em atitudes de desrespeito ou negligência por parte dos outros. Fazer valer o seu direito é um ato de resistência às tentativas de invisibilidade e discriminação, reafirmando o valor e a importância dessas pessoas na sociedade.

É mesma coisa no metrô eles não dão lugar. (P1)

Finge que está dormindo ó entrou um um senhor que estava de bengala e dava pra perceber que tinha amputado o pé. (P1)

Por causa do rapaz do meu lado ele uns dezessete uns dezessete anos e olhe lá eu levantei e ele foi lá aí entrou uma senhora com com uma criança no colo ninguém dá lugar depois então com a bengala todo mundo sentado Acho assim que deveria haver tipo uma reciclagem em relação a aos motorista e aos cobradores. Justamente pra tenha raramente algum motorista ou algum cobrador fala Mas eu acho assim, deveria, você vai ser contratado? Você vai ser cobradora? Oh vão vão vão fazer aqui um um tipo uma varredura aqui. Com relação aos direitos e aos deveres né? Ó, principalmente, né? Quando a pessoa for idosa, que estiver com criança no colo, tiver alguma deficiência, eles, né, intervir nesse (P2)

Não é um trabalho assim de conscientização né? Acho assim o próprio governo né eh deveria investir mais principalmente, né? Como ele investe assim agora em relação a mulher, né? Ele deveria também trabalhar o lado, principalmente o lado do idoso, né? (P2)

As trocas intergeracionais podem ser uma ferramenta poderosa para aumentar a sensibilização e combater o preconceito de idade, promovendo a compreensão e o respeito mútuo entre pessoas de diferentes faixas etárias. Estas interações permitem que jovens e pessoas idosas partilhem experiências, conhecimentos e perspectivas, desafiando os preconceitos e estereótipos que normalmente rodeiam as pessoas idosas. A convivência entre gerações facilita o reconhecimento das contribuições dos participantes e destaca a importância de tratá-los com dignidade e respeito nos espaços públicos e privados.

5.5 Mudança na rotina pós fazer atividades externas

Pra mim mudou bastante com relação a como eu te falei, a interagir, né? A a a conhecer novas pessoas, né? Novos assuntos, né? Eh sair também, né? Aqui do nosso aconchego aqui porque nós não saímos pra lugar pra nós o Sesc foi uma benção viu? (P2)

A gente fazia mais assim é igreja é visita mais Familiar, né? Essas coisas assim, reunião familiares, né? (P1)

A mudança de rotina é um processo que pode impactar significativamente o bem-estar e a qualidade de vida, especialmente em populações idosas. A rotina pode ser definida como um conjunto de atividades diárias que são repetidas regularmente, proporcionando uma estrutura e um senso de previsibilidade para o indivíduo.

A construção de redes sustentadas pelos próprios indivíduos é um aspecto fundamental para promover os sentidos de comunidade e apoio mútuo, especialmente em grupos de convivência. Quando os participantes tomam a iniciativa de fortalecer suas conexões, essas redes se tornam mais resilientes e adaptáveis às necessidades do grupo (Énriquez, 2001; Costa e Mendes, 2014).

Mas teve o lanche. Foi o lanche. Foi bem legal (P3)

O momento do lanche, planejado pelos próprios participantes durante a visita ao Catetinho, reflete a importância de envolver os indivíduos na organização e execução das atividades de grupo. Essa iniciativa não só promove a autonomia e o protagonismo dos participantes, mas também fortalece os laços sociais, criando um ambiente de colaboração e pertencimento.

Costa e Mendes (2014) ressaltam a interdependência entre espaço e tempo, propondo a noção de “território-rede” para entender como os movimentos e as redes sociais moldam o território, que se forma tanto no espaço contínuo de fixação quanto nas dinâmicas descontínuas das redes e mobilidade. A criação e a manutenção dessas redes ajudam a definir o conceito de comunidade, descrito por McMillan e Chavis (1986) como o sentimento de pertencimento, a importância mútua entre os membros e a crença compartilhada de que as necessidades são atendidas pelo esforço coletivo.

Costa e Maciel (2009) propuseram a atualização do termo para "sentidos de comunidade", considerando a pluralidade desses sentidos e a necessidade de explorar a memória. Bosi (2004) tratou da memória contada; Benjamin (2012) associou à memória à

experiência; Halbwachs (2013) introduziu o conceito de memória coletiva; Gondar (2005) abordou a memória social como um campo transdisciplinar e polissêmico; Gondar e Dodebei (2005) questionaram o conceito de memória social. O encontro com a comida, traz um possível olhar para os sentidos de comunidade, através do encontro com o outro.

É. É como eu estava falando, agora de comida que a pessoa se confraterniza muito bem em torno de uma mesa (P3)

5.6 Desafios do Letramento Digital e a Importância da Adaptação no VivacIDADE

O letramento digital revelou-se um desafio significativo para muitas pessoas idosas, agravado pela falta de acesso a dispositivos tecnológicos e por questões estruturais, como a limitação de recursos financeiros para aquisição de celulares e computadores. Apesar dos esforços da equipe do projeto em apoiar os participantes, essas barreiras dificultaram a inclusão plena de algumas pessoas. Como mencionado por P1:

Olha, eu não achei bom. Primeiro lugar, porque a gente nem sabia também mexer muito bem. Entendeu? Mas as piores coisas. Você vê que teve pessoas que não participou porque não sabia, gente que não tinha nem o computador em casa, não tinha nem celular." (P1).

A exclusão digital foi especialmente evidente durante a pandemia, quando o uso da tecnologia tornou-se imprescindível para a realização de atividades remotas.

Por outro lado, o projeto VivacIDADE demonstrou flexibilidade e resiliência ao adaptar suas práticas, incluindo exercícios físicos no ambiente virtual. Essas atividades permitiram que os participantes permanecessem ativos e conectados, mesmo sem se deslocar fisicamente, contribuindo para a manutenção da saúde física e mental durante um período de isolamento social. Essa reorganização mostrou a importância de estratégias criativas para superar dificuldades e fomentar o autocuidado.

O projeto também reforçou o conceito de território como um espaço essencial para construir laços sociais e afetivos. Mais do que um local físico, o território foi compreendido como um campo de interação, onde as atividades compartilhadas (como refeições coletivas) desempenharam um papel importante na criação de momentos afetivos e redes de apoio. Seguindo a perspectiva de McMillan e Chavis (1986), o sentido de comunidade foi fortalecido por essas interações, que promoveram inclusão social, combateram o isolamento e proporcionaram às pessoas idosas um renovado senso de propósito e pertencimento.

5.7 Momentos afetivos envolvendo interações sociais a partir dos encontros com o coletivo VivacIDADE

P1 e P2 participaram de oficinas e cursos educativos no SESC, como a oficina da memória e hidroginástica

P3 valorizou as atividades educativas e culturais oferecidas pelo SESC. Ela mencionou a participação em grupos de discussão e outras atividades que lhe proporcionaram aprendizado contínuo e interação social.

Eles mencionaram a participação em grupos do SESC, como a oficina da memória, que foi considerada muito interessante e útil para eles. P1 mencionou a hidroginástica e caminhadas, atividades que eram mais individuais, mas ainda assim muito importantes para sua rotina (P1 e P2).

A educação desempenha um papel crucial na promoção do envelhecimento ativo, oferecendo oportunidades de aprendizado contínuo que são essenciais para a manutenção da saúde cognitiva e emocional das pessoas idosas. Participar de atividades educacionais, como oficinas de memória e grupos de interesse promovidos por instituições como o SESC, permite as pessoas idosas não apenas exercitar suas habilidades cognitivas, mas também criar redes sociais que contribuem para uma vida mais engajada e menos isolada. De acordo com Freire (2014), a educação é um processo libertador que promove a autonomia e o senso de capacidade entre os indivíduos, independentemente de sua idade. Para as pessoas idosas, isso se traduz na oportunidade de explorar novos conhecimentos, manter-se atualizado e sentir-se parte ativa da sociedade. Assim, a educação para o envelhecimento vai além do simples ato de aprender; ela se torna um instrumento de inclusão e valorização, reforçando a ideia de que o aprendizado é um processo contínuo e acessível em todas as fases da vida.

As atividades grupais proporcionaram oportunidades para interação social, algo valorizado por ambos. Eles destacaram como as atividades os ajudaram a valorizar pequenos aspectos da vida e a importância da interação com outras pessoas, mesmo em atividades cotidianas (P1 e P2).

P3 participou ativamente de grupos e atividades no SESC. Ela mencionou que gostava de desafios intelectuais e que sempre expressava suas opiniões nos grupos, desafiando outros participantes e provocando discussões significativas.

A participação ativa em atividades grupais, como as promovidas pelo SESC, desempenha um papel fundamental no bem-estar e no engajamento social das pessoas idosas. Essas atividades não apenas estimulam a mente através de desafios intelectuais e debates, mas

também proporcionam um ambiente para que os participantes expressem suas opiniões e interajam de forma significativa com os outros. O envolvimento em grupos que incentivam o debate e a expressão de ideias reforça o senso de pertença e identidade, permitindo que as pessoas idosas se sintam valorizadas e integradas em suas comunidades. Portanto, a participação em atividades vai além do entretenimento; é uma ferramenta poderosa para fortalecer a autoestima, a autonomia e o engajamento social ao longo do envelhecimento.

P1 e P2 mencionaram como suas rotinas foram afetadas positivamente pelas atividades e grupos nos quais participaram. P1 destacou a importância de valorizar coisas pequenas da vida cotidiana, como plantas e cuidar de animais, e mencionou como começou a fazer receitas caseiras durante a pandemia.

P3 destacou a importância das relações interpessoais, mencionando como os grupos do SESC permitiram que ela conhecesse pessoas com diferentes pontos de vista e personalidades. Ela mencionou especificamente os desafios e aprendizados que obteve ao interagir com essas pessoas.

A rotina de P3 foi bastante influenciada pelas atividades no SESC. Ela participou regularmente de encontros e atividades, o que manteve sua rotina cheia e dinâmica. Após uma cirurgia, ela teve que reduzir sua participação, mas ainda assim, a importância dessas atividades em sua vida cotidiana foi evidente.

A rotina desempenha um papel crucial na estruturação da vida diária, especialmente entre as pessoas idosas, proporcionando um senso de estabilidade e previsibilidade. Para P3, as atividades no SESC não apenas preencheram seu tempo, mas também adicionaram dinamismo e propósito à sua rotina. Mesmo após a necessidade de reduzir sua participação devido a uma cirurgia, P3 reconheceu a importância dessas atividades em sua vida cotidiana, destacando como a rotina influenciada por tais encontros pode proporcionar benefícios contínuos, mesmo quando há limitações físicas temporárias. A manutenção de uma rotina ativa e engajada é, portanto, essencial para o bem-estar geral e para a qualidade de vida na terceira idade.

Embora não tenha havido um foco tão grande na família e netos nesta entrevista, houve menção indireta de como as atividades grupais e a participação social influenciaram suas perspectivas e rotinas familiares (P1 e P2).

A relação entre avós, filhos e netos pode ser complexa, especialmente quando envolve questões de dependência financeira e responsabilidades familiares. P3 expressou preocupações sobre a dinâmica familiar em que avós se veem obrigados a sustentar seus filhos e netos adultos, destacando os impactos negativos dessa dependência. Ao compartilhar

sua experiência, P3 sublinha a necessidade de redefinir esses papéis e de buscar um equilíbrio saudável entre apoio familiar e independência.

P1 e P2 expressaram opiniões pessoais sobre as atividades que participaram e como essas atividades contribuíram para seu bem-estar mental e físico. P2 destacou como a oficina da memória ajudou a melhorar sua atenção aos detalhes.

P3 mencionou a influência das atividades físicas e sociais no SESC em seu bem-estar geral. Ela destacou a importância dessas atividades para manter sua saúde física e mental, especialmente antes de sua cirurgia. Mesmo após a cirurgia, ela reconheceu o valor das atividades que realizava.

A participação em atividades físicas, como hidroginástica e caminhadas, foi destacada como benéfica para a saúde física e mental deles. P2 mencionou como as atividades ajudaram a melhorar sua atenção e memória, contribuindo para seu bem-estar geral, proporcionando uma sensação de vitalidade e melhorando a qualidade de vida.

Com essa análise, temos uma visão abrangente de como P1 e P2 percebem e valorizam as atividades educativas e grupais, suas relações interpessoais, e como esses fatores impactam suas vidas cotidianas e bem-estar.

P3 foi muito aberta em compartilhar suas reflexões pessoais e opiniões durante as entrevistas. Ela questionou práticas sociais comuns, como o papel dos avós na criação dos netos, e refletiu sobre a importância de manter a independência e o senso de propósito no processo de envelhecimento.

P3 mencionou a influência das atividades físicas e sociais no SESC em seu bem-estar geral. Ela destacou a importância dessas atividades para manter sua saúde física e mental, especialmente antes de sua cirurgia. Mesmo após a cirurgia, ela reconheceu o valor das atividades que realizava.

Com essa análise, temos uma visão mais profunda de como P3 percebia e valorizava as atividades educativas e grupais, suas relações interpessoais e como esses fatores impactavam sua vida cotidiana, saúde e bem-estar. A abordagem crítica e reflexiva de P3 sobre temas familiares e sociais também se destaca, proporcionando uma compreensão abrangente de suas experiências e perspectivas.

A entrevista com P3 revela uma visão crítica sobre o programa Vivacidade, principalmente sobre a simplicidade das atividades e o tratamento paternalista dado às pessoas idosas. Ela compara negativamente essas atividades com aquelas oferecidas pelo SESC, onde ela participou de musculação, hidroginástica e balé. Ela também fala sobre suas relações familiares e sua visão sobre a independência dos filhos e netos.

A entrevista com P2 destaca uma percepção positiva do programa VivacIDADE, enfatizando os benefícios da socialização e do aprendizado. Eles valorizaram as atividades grupais, como a oficina da memória e hidroginástica, e mencionaram a importância das rodas de conversa e atendimento psicológico.

A ideia de "produção de vida" é entendida como a forma de viver e inovar no mundo, demonstrando uma abordagem dinâmica e não linear das atividades e vivências humanas (Guattari, 1992; Quarentei, 2001). Essa concepção sugere que as atividades não apenas organizam a vida, mas também possibilitam a ocupação consciente e preferencial desses espaços, em contraposição à ideia de que somos simplesmente ocupados por elas. Quarentei (2001) ressalta que a produção de vida é um processo constante de renovação, simplicidade e acolhimento, em que algo inerente aos corpos e suas capacidades se revela no dia a dia.

Esse entendimento da produção de vida é apoiado por outros pesquisadores, como Kinker (1997) e Buelau *et al.* (2009), os quais, embora não compartilhem uma visão conceitual idêntica, reconhecem a relevância desse conceito na terapia ocupacional. Quarentei (2006) especifica que as atividades terapêuticas devem ser compreendidas por meio de três ações principais: experimentar, apreciar e afirmar, cada uma contribuindo para a renovação da vida e a criação de significados. A importância do imaginário social, abordada por Enríquez (2001), entrelaça-se com a ideia de produção de vida, permitindo que as pessoas compartilhem uma visão conjunta de seus propósitos e desejos, estimulando a realização de metas individuais e coletivas. Esse imaginário social é essencial para a formação e fortalecimento dos laços sociais e para o desenvolvimento de projetos de vida, cruciais para a transformação pessoal e social. A análise das narrativas do dia a dia, como proposto por Tavares e Mendes (2021), e a compreensão dos projetos de vida como espaços de experiência e subjetividade, destacam a importância de lidar com os valores emocionais e sociais para promover uma vida rejuvenescida. Esse processo de criação de projetos de vida envolve a superação dos desafios e a reelaboração da história pessoal, fundamentais para gerar vivências.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação buscou oferecer uma contribuição para os estudos sobre o envelhecimento, destacando a relevância de coletivos como o VivacIDADE na promoção de um envelhecer ativo, participativo, e socialmente engajado. Através de uma abordagem enraizada na Psicossociologia de Comunidades, buscando conectar o individual-psicológico-singular-subjetivo ao coletivo-social-popular-político, o trabalho teve enfoque em evidenciar como a participação em grupos estruturados pode ressignificar a experiência de envelhecer, proporcionando não apenas um espaço de convivência, mas também de crescimento pessoal e social.

A interseção entre produção de vida, projetos de vida e a prática terapêutica revela uma abordagem integrada e dinâmica para compreender e promover o bem-estar humano. A terapia ocupacional, entendida como um processo de recriação e afirmação, oferece uma plataforma para a expressão e transformação dos indivíduos e coletivos. O papel do imaginário social e das narrativas é crucial para a construção de significados e para a realização de projetos que vão além da mera sobrevivência, buscando uma existência significativa e coletivamente enriquecedora. As abordagens participativas e a análise crítica das experiências cotidianas são essenciais para fortalecer as comunidades e promover uma transformação social que respeite e valorize a complexidade das vidas individuais e coletivas.

Uma das principais conclusões do estudo é a constatação de que o envolvimento em coletivos como o VivacIDADE não só fortalece os vínculos sociais entre as pessoas idosas, mas também lhes oferece a oportunidade de revisitar suas memórias e reconstruir seus projetos de vida e também produzir vida. Em uma sociedade que, muitas vezes, marginaliza e que subestima a capacidade de contribuição das pessoas idosas, o VivacIDADE emerge como um espaço de resistência e afirmação, onde as experiências de vida são valorizadas e onde os participantes podem expressar suas individualidades, ao mesmo tempo em que se conectam com outros em estágios de vida semelhantes.

O processo de ressignificação da velhice, facilitado pelo coletivo, mostrou-se fundamental para a construção de novas identidades e para o fortalecimento da autoestima dos participantes. Ao proporcionar um ambiente onde os participantes puderam experimentar, apreciar e afirmar suas vivências, o VivacIDADE promoveu uma mudança na percepção que eles tinham de si mesmos e de seu lugar na comunidade. Este fenômeno é particularmente importante no contexto da Psicossociologia de Comunidades, que enfatiza a importância da conexão entre o individual e o coletivo, e como essa relação pode ser transformadora.

Além disso, a adaptação do coletivo durante a pandemia de covid-19 representa um aspecto crucial das considerações finais deste trabalho. A capacidade de manter o grupo ativo, mesmo em um formato remoto, reflete não apenas a resiliência dos participantes, mas também a flexibilidade e a inovação dos métodos utilizados. A transição para encontros virtuais, apesar dos desafios tecnológicos, foi bem-sucedida em preservar os sentidos de comunidade e apoio mútuo entre os participantes, demonstrando a importância de adaptar as intervenções às necessidades emergentes.

O estudo também sublinha a importância da criação de espaços onde as pessoas idosas possam exercer sua autonomia e explorar novos interesses. As atividades desenvolvidas no VivacIDADE, desde as oficinas presenciais até as adaptações remotas durante a pandemia, possibilitaram que os participantes se engajassem em novas práticas, redescobrissem interesses e expandissem suas redes de apoio. Esse engajamento é essencial para combater o isolamento social, um dos maiores desafios enfrentados pela população idosa.

Outro ponto relevante é o impacto do VivacIDADE na promoção de uma visão mais positiva e ativa do envelhecimento, que vai de acordo com a perspectiva de década do envelhecimento saudável promovido pela Organização Mundial da Saúde. O trabalho evidencia que, com o apoio adequado, os participantes não apenas podem manter suas funções cognitivas e sociais, mas também desenvolver novas habilidades e interesses. Isso desafia a visão tradicional do envelhecimento como um período de declínio, apresentando-o, ao contrário, como uma fase de potencial renovado para aprendizado e crescimento.

A dissertação, ao destacar o VivacIDADE, sugere que iniciativas semelhantes podem ser implementadas em outras comunidades. Esse modelo de coletivo não apenas promove a saúde e o bem-estar dos participantes, mas também fortalece a coesão social e a inclusão, criando uma sociedade que valoriza a participação ativa de todas as idades.

Por fim, o trabalho aponta para a necessidade de continuar investindo em programas que incentivem a participação ativa das pessoas idosas na vida comunitária. Ao criar e manter ambientes onde as pessoas idosas possam florescer, reafirmamos o valor de cada indivíduo, independentemente de sua idade. A promoção de uma sociedade que inclui e valoriza as contribuições das pessoas idosas é essencial para o desenvolvimento de comunidades mais justas, solidárias e humanas.

As considerações finais desta dissertação não apenas reafirmam a importância de coletivos como o VivacIDADE, mas também lançam um convite para que pesquisadores, profissionais de saúde, gestores públicos e a sociedade como um todo repensem e revalorizem o papel de pessoas idosas. O envelhecimento ativo e engajado, como demonstrado por este

estudo, não é apenas possível, mas necessário para a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. M. P.; CARDINALI, I.; BIANCHI, P. C. Terapia ocupacional e a expressão “produção de vida”: o que dizem as produções brasileiras? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 29, p. e2133, 2021.

BOSI, E. Pesquisa em Memória Social. *Psicologia USP*, S. Paulo, v.4 n.1/2, p. 277 - 284, 1993

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial. 2003.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CAMARGO, D. R., *et al.* Psicossociologia com comunidades: abordagens sentipensantes como emergência na América Latina. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 16(2), São João del-Rei, abril-junho de 2021. e-4121.

COSTA, N. P. DA . *et al.*. Contação de história: tecnologia cuidativa na educação permanente para o envelhecimento ativo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 69, n. 6, p. 1132–1139, nov. 2016.jhnnnnnn

COSTA. S. L., IMBRIZA, J. M.; KURNA, A. B. Território, memória e narrativa: transformações socioespaciais na região central, Ilha Diana e zona portuária de Santos. In: BRANDÃO, M. V. M., MORELL, M. G. G., SANTOS, A. R. (orgs.) *Baixada Santista: Transformações na ordem urbana*. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório de Metrôpoles. 2015.

COSTA, S. L., MACIEL, T. M. F. B. Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 1, 2009.

COSTA, S. L MENDES, R. Redes Sociais Territoriais: Primeiras Palavras. In: COSTA, S. L. MENDES, R. *Redes Sociais Territoriais*. Pg. 17-32. Ficha cartográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Unifesp, São Paulo. 2014.

DORES, F. G. A memória como método de pesquisa. *Cadernos de Campo* (UNESP) , v. 1, p. 113-131, 1997.

ENRIQUEZ, E. O vínculo grupal. In: LÉVY, A *et al.* *Psicossociologia; análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 264p.

ESCÓSSIA, L. KASTRUP, V. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005.

FÉLIX-SILVA, A. V.; *et al.* *A tenda do conto como prática integrativa de cuidado na*

atenção básica. Natal: Edunp, 2014. 78 p.

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: Método SSF. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, SC: v. 21, n. 3, p. 550-563, ago./nov., 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e terra, 2014.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 28, n.1, p. 5-25. 2020.

GUATTARI, F. *Caosmose*. Rio de Janeiro, editora 34,1992.

GONDAR, J. Cinco proposições sobre memória social. In: GONDAR, J. DODEBEI, V. *O que é memória social?* Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria Ltda., 2005, 162 p.

GONDAR, J. DODEBEI, V. *O que é memória social?* Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria Ltda., 2005, 162 p.

LA TAILLE, Y. *Moral e Ética: Dimensões Intelectuais e Afetivas*. São Paulo: Artmed. 2006a. 189 p.

LA TAILLE, Y. *Formação Ética: do Tédio ao Respeito de Si*. Porto Alegre: Artmed. 2009. 390 p.

LÉVY, A. A mudança: Esse obscuro objeto do desejo. In: LÉVY, A *et al. Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 264p.

LÉVY, André *et al. Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Organização de Marília Novais da Mata Machado, Eliana de Moura Castro, José Newton Garcia de Araújo e Sonia Roedel.

LIMA, M. P.; OLIVEIRA, A. L. Intervenções em grupo com pessoas de idade avançada: a importância da relação. *Revista E-PSI*, v. 5, n. 1, p. 23-29, 2015.

LOW, G. *et al.* Envelhecimento no lugar. In: GU, D.; DUPRE, M. (Eds.). *Encyclopedia of Gerontology and Population Aging*. Springer, Cham, 2020. p. 1-8.

HALBWACHS, M. *A memóriacoletiva*. Vértice/Revista dos Tribunais. São Paulo, 1990.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JANOTTI, M. L. M. Refletindo sobre História Oral: procedimentos e possibilidades. In: *(Re)introduzindo a História Oral no Brasil*. (org.) José Carlos S. B. Meihy. São Paulo: Xamã,

1996, série eventos.

ARAÚJO, E. M. F. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 42-48, maio/ago. 2004.

MATOS, Maria de Lourdes Ferreira Medeiros de., MATOS, Alcemar Antônio Lopes de. MANHÃES, Fernanda Castro. Manter laços de amizade proporciona longevidade e bem-estar no envelhecimento. In: ISTOE, Rosalee Santos Crespo, MANHÃES, Fernanda Castro., SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de Souza. *Envelhecimento humano, inovação e criatividade: diálogos interdisciplinares*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2020. 368 p.

MC MILLAN, D. W., CHAVIS, D. M. Sense of Community: A Definition and Theory. *Journal of Community Psychology*, v. 14 n. 1, 6-23.. 1986.

MENEZES, Hilário José; CARDOSO, Eduardo Schiavone. Território e territorialização: questões conceituais para uma abordagem e leitura dos movimentos sociais. *Mundo do Trabalho*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 45-67, 2017.

MENDES, Gabriela Alves, CRUZ, Keila Cristianne Trindade da., TAVARES, Grasielle Silveira. VivacIDADE: Rede entre nós e os agenciamentos na construção de projetos de vida na velhice. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 81158-81174, 2020.

MENESES, M. P. R. *Redes sociais: pessoais: conceitos, práticas e metodologia* ((Doutorado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MIRANDA, F. H. de F. *Projetos de vida de idosos e suas redes de relacionamentos significativos: estudo sob as perspectivas moral e ética*. (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2016.

MOURA, Leides Barroso Azevedo, et al. "Percepções de qualidade de vida e as experiências de violências em idosos." *Rev. enferm. UFPE on line* (2018): 2146-2153.

MOURA, M. L. S.. Idosos na pandemia, vulnerabilidade e resiliência. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 24, n. 1, p. e210060, 2021.

NASCIMENTO, Paula Fonseca do; MELAZZO, Everaldo Santos. Território: conceito estratégico na assistência social. *Serviço Social & Sociedade*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 66-88, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA, Maria Clara; SILVA, José Antônio. *Relações Intergeracionais: Desafios e Impactos da Dependência Financeira na Família Contemporânea*. Revista de Estudos Familiares, vol. 25, n. 3, 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Relatório mundial sobre o idadismo: resumo executivo*. 2021. Disponível sob licença CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Alguns direitos

reservados.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Relatório Mundial sobre o Idadismo nas Américas*. 2022. Disponível em:

https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-pessoa-idosa/publicacoes/relatorio_mundial_sobre_o_idadismo_nas_americas_2022_-_who.pdf.

Acesso em: 31 ago. 2024.

QUARENTEI, M. S. Atividades: Territórios para Expressão e Criação de Afetos. *Resumo Boletim de Psiquiatria -EPM*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 26-27. 1994.

QUARENTEI, M. S. “Terapia Ocupacional e Produção de Vida” In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL. 2001. *Conferência de Encerramento do VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional*. Porto Alegre. 2001.

QUARENTEI, M. S. Experimental, criar... Afirmar territórios, vidas... Belezas. In: SEMINÁRIO ABERTO, 1., nov. 2006. *Anais [...]*. Botucatu: Coletivo de estudos de Terapia Ocupacional e Produção de Vida. Criações Contemporâneas: Novos Olhares, Produções Teóricas e Ousadias Práticas, nov. 2006.

MACHADO, Renato Perotto; MENDES, Gabriela Alves; TAVARES, Grasielle Silveira. Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0108, 2023.

RIBEIRO, M. A. A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 5 n. 1, p. 120-130, 2010.

SABATÉ, Roberta Cristina Delboni. *Envelhecimento e sociedade: um debate sobre o lugar do idoso no Brasil contemporâneo*. (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016.

SANTOS, Lucas; ALMEIDA, Joana. Atividade Física e Bem-Estar na Terceira Idade: Benefícios para a Saúde Física e Mental. *Revista de Saúde e Qualidade de Vida*, vol. 14, n. 1, 2019.

SCHMIDT, M. L. S., MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n. 1/2. p. 285-298. 1993.

TAVARES, G. S., MENDES, G. A. Envelhecimento artista: a (re)invenção de si no desenvolvimento de projetos de vida. In: CARVALHO, C. R. A., REBELLATO, C. BERNARDO L. D. *Envelhecimento humano: questões contemporâneas em saúde*. 1.ed. Curitiba: Appris. 2021. 419p.

ANEXOS

ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO CFCH UFRJ

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "VivacIDADE": narrativas e construções de memórias de velhos de um coletivo em Ceilândia/DF

Pesquisador: GABRIELA ALVES MENDES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59218722.6.0000.5582

Instituição Proponente: Universidade Federal Do Rio de Janeiro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.537.966

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa de dissertação de mestrado que permeia o campo das memórias, das narrativas, dos sentidos, dos projetos e produções de vida no envelhecimento, tendo por base a experiência com o coletivo denominado "vivacIDADE". A proposição da dissertação parte da análise e da compreensão "do estar e do conduzircom" um coletivo, a partir da experiência com o VivacIDADE. Os encontros com o coletivo ocorreram nos anos de 2019 e 2020 em Ceilândia, Distrito Federal, por meio do Projeto de Extensão Universitária: TOCAR – "Terapia Ocupacional, Cuidado, Corpo, Criatividade, Cotidiano, Afeto, Arte e Ressignificação". Angulada pela psicossociologia de comunidades e por abordagem metodológica com base na pesquisa qualitativa, a proposta propõe-se a conectar o individual-psicológico-singular- subjetivo ao coletivo-social-popular-político e, sob o ângulo teórico assumido, pretende realizar uma análise que caminhe por territórios do campo sensível e das compreensões das velhices, do olhar da pessoa idosa, incluindo-se o âmbito social, territorial e psicossocial.

Objetivo da Pesquisa:

A proposta submetida apresenta os seguintes objetivos: a) objetivo primário: conhecer, por meio das narrativas e das construções de memórias, quais sentidos foram provocados com a participação no VivacIDADE, analisando-se psicossocialmente seus impactos no envelhecimento; b) objetivo secundário: caracterizar o VivacIDADE enquanto coletivo, revisitar a experimentação

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.537.966

dos participantes desse coletivo, analisar a revisitação das memórias e compreender como é viver e envelhecer incluído em grupos/coletivos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos apontados incluem, como possibilidades, desconforto, frustração, interferência na vida das pessoas, esgotamento físico e mental, além do ato de responder sobre áreas sensíveis da vida. Para moderar tais riscos, a proponente apresenta a escolha de um ambiente arejado, a possibilidade de mais de um encontro, caso necessário, para não causar esgotamentos, espaço aberto para uma possível recusa do participante em falar sobre determinadas áreas da vida pessoal. Ao lado de tais providências, a proponente assegura ao participante a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa, sem prejuízo para sua participação nas demais atividades ou mesmo qualquer prejuízo. Na condição de benefícios, estão: as trocas sobre a importância dos coletivos para as pessoas; o lugar de fala e escuta para os idosos; a criação de repertório de memórias de atividades que sejam significativas; e a contribuição para a área de pesquisas psicossociais com pessoas idosas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa lida com um tema importante e é factível no quadro de uma dissertação de mestrado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A proponente apresenta o RCLE, sendo o mesmo adequado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1942862.pdf	31/05/2022 19:03:55		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado_CEP.pdf	31/05/2022 19:03:08	GABRIELA ALVES MENDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	RCLE.pdf	31/05/2022 19:01:59	GABRIELA ALVES MENDES	Aceito

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240

UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.537.966

Ausência	RCLE.pdf	31/05/2022 19:01:59	GABRIELA ALVES MENDES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Gabriela_Alves_Mendes assinado.pdf	31/05/2022 14:26:25	GABRIELA ALVES MENDES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 21 de Julho de 2022

Assinado por:
ERIMALDO MATIAS NICACIO
(Coordenador(a))

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

ANEXO II -REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Informações aos participantes

- 1) **Título do protocolo do estudo:** "VivaciDADE": narrativas e construções de memórias de velhos de um coletivo em Ceilândia/DF.
- 2) **Convite**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "VivaciDADE": narrativas e construções de memórias de velhos de um coletivo em Ceilândia/DF". Antes de decidir se participará, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.
- 3) **O que é o projeto?**

O projeto consiste em uma pesquisa de dissertação de mestrado, que permeia o campo das memórias, das narrativas, das significações, dos projetos e produções de vida no envelhecimento, tendo por base a experiência com o coletivo denominado "vivaciDADE".
- 4) **Qual é o objetivo do estudo?**

O projeto visa conhecer por meio das narrativas e das construções das memórias, quais sentidos foram provocados com a participação no VivaciDADE, e analisar psicossocialmente seus os impactos no envelhecimento.
- 5) **Por que eu fui escolhido(a)?**

Pela participação em 2019 e 2020 no Coletivo "VivaciDADE", ofertado pela Universidade de Brasília, sua participação é voluntária, conforme desejo e sua autorização.
- 6) **Eu tenho que participar?**

Você é quem decide se gostaria de participar ou não deste estudo/pesquisa. Se decidir participar do projeto "VivaciDADE": narrativas e construções de memórias de velhos de um coletivo em Ceilândia/DF", você deverá assinar este Registro e receberá uma via assinada pelo pesquisador, a qual você deverá guardar. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo.
- 7) **O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?**

Será realizada uma escuta das narrativas, que virão a partir das lembranças da vivência no Coletivo "VivaciDADE".
- 8) **O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina?**

Desejo de participar e compartilhar as experiências.
- 9) **Eu terei alguma despesa ao participar da pesquisa?**

Não.
- 10) **Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?**

De acordo com as Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas envolvem riscos, ainda que mínimos. Sendo os eventuais riscos que você pode vivenciar são: desconforto; frustração; interferência na vida das pessoas; esgotamento físico e mental e responder sobre áreas sensíveis da vida. Sendo as medidas adotadas para mediar tais riscos: escolha de um ambiente arejado, mais de um encontro se necessário para não causar esgotamentos, espaço aberto para recusa de falar sobre determinadas áreas da vida pessoal.

11) Quais são os possíveis benefícios de participar?

(Benefícios para o participante e para a sociedade, e não apenas para a pesquisa em si) Trocas sobre a importância dos coletivos para com a pessoa, lugar de fala e escuta para os idosos, criar repertório de memórias de atividades que sejam significativas e contribuir com a área de pesquisas psicossociais com pessoas idosas.

12) O que acontece quando o estudo termina?

A devolutiva ocorrerá com a finalização da dissertação de mestrado da pesquisadora, sendo disponibilizado os dados e informações coletadas e utilizadas. O trabalho ficará público no site <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/pt/>, na parte de pesquisa, teses e dissertações.

13) E se algo der errado?

A pesquisa só será realizada com o consentimento dos envolvidos. Mesmo assim, se durante a participação você participante não se sentir confortável, poderá retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa ou mesmo se retirar dela quando desejar, sem qualquer prejuízo ou justificativa.

14) Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Sim.

15) Contato para informações adicionais

Dados do(a) pesquisador(a) responsável:

Gabriela Alves Mendes – Mestranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, no Instituto de Psicologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Telefone: (61) 99262-3575 – E-mail: gabrielamendes.to@gmail.com

Dados da Instituição Proponente.

Dados do CEP: *Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – Email: cep.cfch@gmail.com*

O Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

16) Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, assine este Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e devolva-o ao(a) pesquisador(a). Você deve guardar uma via deste documento para sua própria garantia.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

De acordo com as Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas envolvem riscos, ainda que mínimos. Sendo os eventuais riscos que você pode vivenciar são: desconforto; frustração; interferência na vida das pessoas; esgotamento físico e mental e responder sobre áreas sensíveis da vida. Sendo as medidas adotadas para mediar tais riscos: escolha de um ambiente arejado, mais de um encontro se necessário para não causar esgotamentos, espaço aberto para recusa de falar sobre determinadas áreas da vida pessoal.

11) Quais são os possíveis benefícios de participar?

(Benefícios para o participante e para a sociedade, e não apenas para a pesquisa em si) Trocas sobre a importância dos coletivos para com a pessoa, lugar de fala e escuta para os idosos, criar repertório de memórias de atividades que sejam significativas e contribuir com a área de pesquisas psicossociais com pessoas idosas.

12) O que acontece quando o estudo termina?

A devolutiva ocorrerá com a finalização da dissertação de mestrado da pesquisadora, sendo disponibilizado os dados e informações coletadas e utilizadas. O trabalho ficará público no site <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/pt/>, na parte de pesquisa, teses e dissertações.

13) E se algo der errado?

A pesquisa só será realizada com o consentimento dos envolvidos. Mesmo assim, se durante a participação você participante não se sentir confortável, poderá retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa ou mesmo se retirar dela quando desejar, sem qualquer prejuízo ou justificativa.

14) Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Sim.

15) Contato para informações adicionais

Dados do(a) pesquisador(a) responsável:

Gabriela Alves Mendes – Mestranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, no Instituto de Psicologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Telefone: (61) 99262-3575 – E-mail: gabrielamendes.to@gmail.com

Dados da Instituição Proponente.

Dados do CEP: *Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – Email: cep.cfch@gmail.com*

O Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

16) Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, assine este Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e devolva-o ao(a) pesquisador(a). Você deve guardar uma via deste documento para sua própria garantia.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.